



*Saúde urbana e
ambiental para crianças:*

A experiência do



Clubinho da Mata

Organização
Flávia Passos Soares
Elaine Imenes



*Saúde urbana e
ambiental para crianças:*

A experiência do



Organização
Flávia Passos Soares
Elaine Imenes

Catálogo na fonte
Fundação Oswaldo Cruz
Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde
Biblioteca de Saúde Pública

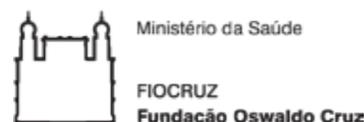
S676s Soares, Flávia Passos (Org.).
Saúde urbana e ambiental para crianças: a experiência do Clubinho da Mata / organizado por Flávia Passos Soares e Elaine Imenes. – Rio de Janeiro, RJ: Fiocruz, 2021.
97 p. : il. color.

ISBN:
Inclui Bibliografia.
1. Saúde da População Urbana. 2. Saúde Ambiental. 3. Conhecimentos, Atitudes e Prática em Saúde. 4. Determinantes Sociais da Saúde. 5. Participação da Comunidade. 6. Criança. 7. Promoção da Saúde. 8. Dieta Saudável. 9. Saneamento Básico. 10. Zoonoses. 11. Jogos e Brinquedos. 12. Arte. 13. Cultura. I. Imenes, Elaine (Org.). II. Título

CDD – 23.ed. – 363.7

Fundação Oswaldo Cruz - Fiocruz

Presidência
Nísia Trindade Lima
Campus Fiocruz Mata Atlântica - FMA
Gilson Antunes da Silva



Profissionais da Fiocruz Mata Atlântica que integram o projeto

Ana Paula Rodrigues C. de Paiva
Andrea Vanini
Anna Cecília Farias Gobbi
Brenda Azevedo
Bruna Alves Telles
Carmen Beatriz Silveira
Cláudia Muniz Moreira Magnani
Claudia F. Moraes dos Santos Picanço
Cristiane da Silva Oliveira
Domingos Naime
Elaine Sampaio Imenes
Elizabeth Gomes Barbosa
Emerson Celestino da Rocha
Fábio de Araújo Luna
Fabíola Guimarães
Flávia Passos Soares
Helena Medrado Ribeiro
Isabel Cristina Fábregas Bonna
João Souza de Oliveira
Josimarie Schuengue e Conceição
Jailton Paes Costa
Juliana Dias Maia
Lin Lima
Kamila Teixeira Mynssen
Leila Cristina da Costa Bastos
Lúcia Silva de Santana
Marcos Antonio Fonseca
Marcos Filgueiras Jorge
Maria Affonso Penna
Maria Alice do Amaral Kuzel
Marina Furtado
Martha Brandão

Mayra Conrado Riscado Cabral
Mirian Rose Ayres M. Rebello
Mylena de Souza Borges
Patrick Silva
Paulo Henrique Sales Monteiro
Priscilla Pedrette de Mello Alves
Rita Maria Barbosa de Souza
Robson Patrocínio de Souza
Robson Santos da Silva
Rosana Fátima Tresse Cabral
Rosângela Rodrigues dos Santos
Samuel Pereira da Silva
Sigríd Hoppe
Sócrates Fraga da Costa Neto
Stella Martins Patitucci
Valdirene de Oliveira Militão
Wagner Luis Oliveira

Registro fotográfico e em vídeo
Lin Lima (2016 a 2019) e
Emerson Rocha (2018 e 2019)

Suporte na área de informática e recursos audiovisuais
Robson Santos da Silva e
Fábio de Araújo Luna

Revisão
Elisandra Galvão

Projeto gráfico, ilustrações e diagramação
Lin Lima



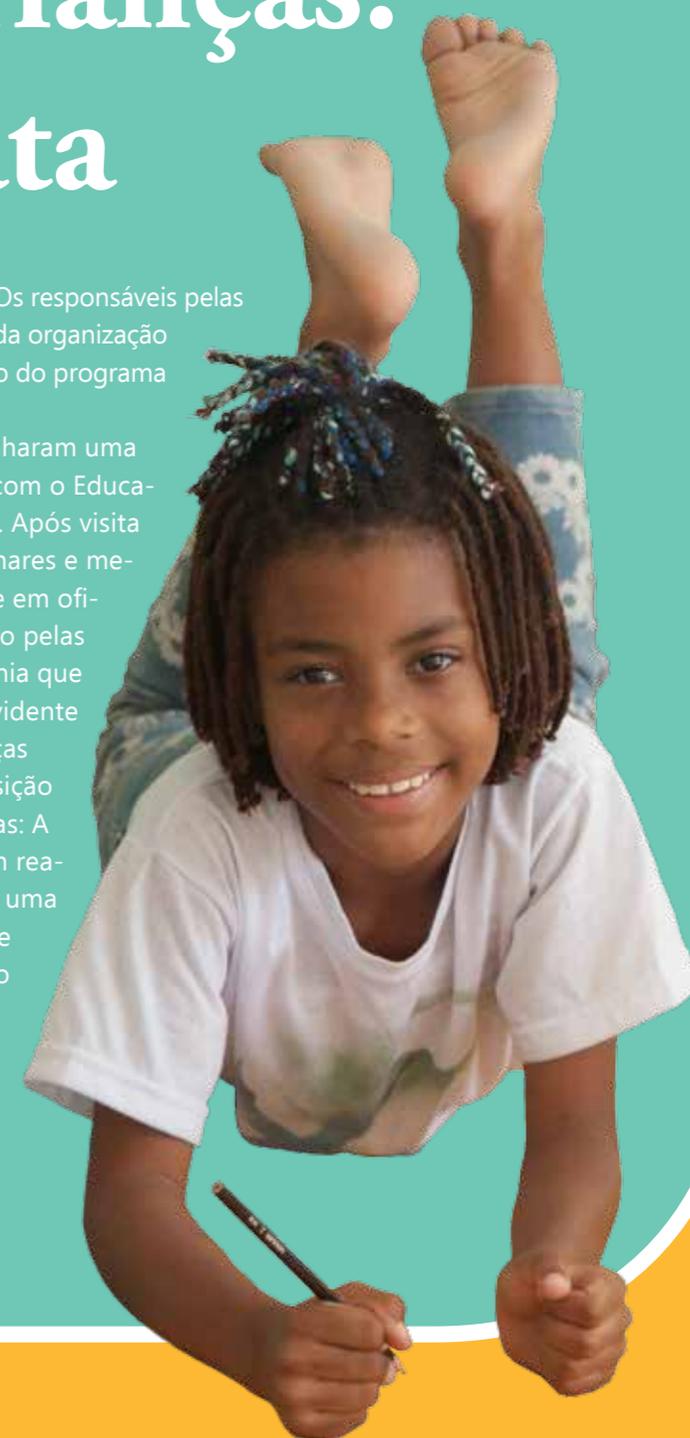
Saúde urbana e ambiental para crianças: a experiência do Clubinho da Mata

Esta publicação conta a experiência e a metodologia desenvolvida para o programa Clubinho da Mata pelas equipes da Fiocruz Mata Atlântica (FMA) para abordar de forma lúdica a saúde urbana e ambiental, visando contribuir para uma cidadania ativa, ao ampliar o olhar sobre o conceito de saúde, ambiente e território, promovendo uma reflexão das crianças sobre questões socioambientais e a determinação social da saúde, tendo em vista valores humanos e sociais, conhecimentos, aptidões e atitudes voltadas para a saúde coletiva, a preservação e o equilíbrio ecológico e a sustentabilidade. As oficinas são realizadas anualmente, no contraturno escolar, para crianças de seis a onze anos que residem na antiga Colônia Juliano Moreira e seu entorno.

O Clubinho da Mata foi criado em 2016 por Juliana Dias Maia da equipe social do Núcleo de Convívio da FMA como uma estratégia de educação não formal voltada para crianças do entorno imediato do campus, abordando, com muito afeto, brincadeiras e diálogo, questões socioambientais e de cidadania. Após avaliação dos bons resultados obtidos nos dois primeiros anos, o Clubinho da Mata se tornou um programa anual com oficinas realizadas pelas equipes da FMA para trabalhar desde o autoconhecimento e o autocuidado até o contexto social, ambiental e cultural, abordando temas como: consciência corporal e das emoções, cuidados com o corpo e alimentação, percepções sobre a casa e sua relação com a saúde da família, a importância e os cuidados com a água e o saneamento, o reaproveitamento de resíduos, a agricultura urbana agroecológica, a fauna e a flora e sua importância para o bem viver. A metodologia é inspirada na pedagogia de Paulo Freire, para promover um “aprender brincando”, estimulando que as próprias crianças elejam temas de interesse para discussão, exercitem a escuta do outro, a fala diante de todos, as decisões coletivas,

o trabalho em grupo e o debate de ideias. Os responsáveis pelas crianças participam de reuniões, oficinas e da organização de eventos de integração, sendo a avaliação do programa ao final de cada ano muito positiva.

No ano de 2019 a arte e a cultura ganharam uma importância especial a partir da parceria com o Educativo do Museu Bispo do Rosário (mBRAC). Após visita ao campus para conhecer a exposição Olhares e memórias da Colônia desenvolvida com base em oficinas sobre o reconhecimento do território pelas crianças (A Colônia que eu não vi; A Colônia que eu vejo; A Colônia que eu quero), ficou evidente a sintonia do futuro desejado pelas crianças para o território com a proposta de exposição que o Museu estava organizando - Utopias: A vida para todos os tempos e glória. Foram realizadas oficinas artísticas e o resultado foi uma instalação feita com as crianças no Grande Salão deste Museu. Outro desdobramento significativo foram convites para a realização de oficinas em escolas públicas do entorno por equipes da FMA.



Sumário

07... 1- Apresentação Fiocruz Mata Atlântica

11... 2- Apresentação Clubinho Da Mata

Objetivo

Histórico

1ª fase (2016 e 2017)

15..... 2ª fase (2018 e 2019)

19..... Referenciais metodológicos

22..... Resultados

25... 3- TEMAS E OFICINAS – 2ª FASE (2018-2019)

O Brincar, a escuta, a conexão interna e a expressão

26..... Quintal brincante

27..... Forunzinho descobertas

28..... Fazendo amizade com as emoções

30..... Corpo e movimento

33... Alimentação saudável

Entendendo e experimentando a pirâmide alimentar

35..... Culinária infantil e aproveitamento integral dos alimentos

38..... De onde vem a minha comida? Do quintal à feira. Agroecologia agricultura urbana, soberania e segurança alimentar e nutricional

42... Casa saudável/Cidade saudável: educação socioespacial para reconhecimento do espaço vivido

44..... As cinco casas

45..... Exercício 'ver' e 'olhar', 'ouvir' e 'escutar'

47..... Casa saudável – Cidade saudável – Relação do espaço com a saúde

49..... Infraestrutura urbana e caminhos da cidade

52..... Casa saudável e reconhecimento da cidade

54... Saneamento básico

Gotinhas no ambiente

56..... Para onde vai o esgoto da casa?

59..... Compostagem na garrafa pet

60..... Resíduos sólidos e os 3 R's para crianças

63... Fauna, flora e zoonoses

64..... Da cabeça aos pés: cuidando do corpo

66..... Como nascem e funcionam as florestas?

67..... Onde estou pisando?

68..... Jogo de tabuleiro gigante

70..... Caça ao tesouro: guardiães da Mata Atlântica

As aventuras dos pequenos mosqueteiros contra a zika, dengue e chicungunya – IOC

73... Olhares e memórias da Colônia

A Colônia que eu não vi

74..... A Colônia que eu vejo

76..... A Colônia que eu quero

80... Arte, cultura e território

Criação artística com stencil

81..... Da Mata ao Bispo

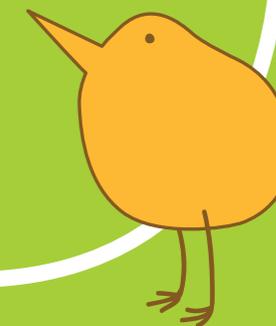
83..... Clubinho da Mata e Mbrac - A construção de uma UTOPIA

88... 4- ANEXOS

89..... Programa Clubinho da Mata 2018

91..... Programa Clubinho da Mata 2019

93..... Modelo de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Tcle) Utilizado



Apresentação



O Programa de Desenvolvimento do Campus Fiocruz Mata Atlântica - Fiocruz Mata Atlântica (FMA), que integra a Presidência da Fiocruz, tem o papel de consolidar a Fundação numa área que se caracteriza por ser uma fronteira entre um bairro periférico da cidade e o bioma da Mata Atlântica do Parque Estadual da Pedra Branca. Na FMA, sua equipe, além de abrigar uma Estação Biológica voltada para a pesquisa neste bioma, desenvolve atividades de pesquisas aplicadas, educação e promoção da saúde. O foco de sua atuação é contribuir para o desenvolvimento saudável e sustentável do território, onde o campus está situado, na área da Colônia Juliano Moreira, em Jacarepaguá, Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro.

O objetivo da FMA é gerar conhecimentos e inovação, por meio de pesquisas, tecnologias sociais e ações integradas de promoção da saúde, e assessorar a Presidência da Fiocruz e outras instâncias técnico-administrativas. Suas atividades também são voltadas para garantir a preservação da integridade e da soberania da governança Fiocruz no campus, a qualidade ambiental e a ocupação institucional sustentável, o equilíbrio ecológico, e a harmonia socioambiental para a efetivação do território saudável e sustentável, na sua área interna e de influência imediata junto às comunidades vizinhas.

A equipe da FMA, para realizar suas atividades de pesquisas aplicadas, educação não formal e promoção da saúde, está dividida em três áreas: Saúde Ambiental; Saúde Urbana; e Integração e Cooperação Social. Estas buscam gerar conhecimentos e dados sobre o território por meio da integração de olhares de diversos especialistas sobre a realidade local. Com isto, o propósito é gerar uma compreensão holística e as respostas necessárias, integrais e sistêmicas, com articulações intersetoriais e com a cooperação social, para solucionar, de forma integrada e coletiva, problemas socioambientais locais.

A área de Saúde Ambiental desenvolve e estimula a inovação, a educação não formal e a disseminação e divulgação de conhecimentos sobre a complexidade socioambiental e a relação entre biodiversidade e saúde. Este trabalho está alinhado à missão da Fiocruz, com o enfoque na saúde única. Seu compromisso é auxiliar na preservação do remanescente de Mata Atlântica presente no território, também em consonância com a missão da instituição.

Já a área de Saúde Urbana, a partir de uma visão ampliada de saúde e da apreensão das múltiplas determinações sociais da saúde, realiza atividades de diagnóstico de patologias nas habitações e precariedades da infraestrutura de saneamento e contribui na proposição de melhorias do hábitat das comunidades vizinhas à FMA, com ênfase nas melhorias habitacionais e no saneamento alternativo para os efluentes domésticos. Também promove a coleta seletiva e destinação adequada dos resíduos de óleo; orienta no manejo dos quintais com processos de compostagem dos resíduos orgânicos; no desenvolvimento de tecno-

logias sociais; no processo de regularização fundiária e garantia ao direito à moradia; no desenvolvimento de funções produtivas nos quintais com hortas agroecológicas com vistas à soberania e segurança alimentar e nutricional.

A área de Integração e Cooperação Social busca integrar as equipes na construção de conhecimentos para formação de uma compreensão multidisciplinar e integral da realidade dos processos de saúde e doença em suas múltiplas determinações e interações, econômica, ambiental e social, integrando ainda a compreensão das dinâmicas entre a saúde humana, animal e ambiental. Objetiva ainda promover a construção de soluções sistêmicas e integrais para a superação das iniquidades locais que, algumas vezes, apontam para a articulação intersetorial entre agências de políticas públicas e processos de cooperação social entre as equipes da FMA e as comunidades. Neste sentido, traz reflexões e orientações das áreas de Saúde Ambiental e Urbana para a construção compartilhada de conhecimentos e de soluções. Além disso, é o espaço dos processos de educação não formal (oficinas, rodas de conversas, palestras, etc.), realizadas em conjunto com as outras duas áreas, e de mobilização social para questões sanitárias e de cidadania da população local.

O conjunto de ações integradas realizadas para a promoção da saúde no território e gerar soluções para problemas locais envolve as atividades educação não formal, como as realizadas pelo Clubinho da Mata. Nos capítulos deste livro, os leitores conhecerão o resultado desse trabalho promovido, a partir de 2016, pela equipe multidisciplinar do Clubinho da Mata e as metodologias aplicadas em cada oficina com as crianças que vivem na área onde está situada a FMA.

A preocupação maior na relação entre as comunidades que moram no entorno do campus e a zona de amortecimento do Parque Estadual da Pedra Branca é que seja possível desenvolver e consolidar uma consciência ambiental para que as suas ações, ao viver neste território, sejam sustentáveis e saudáveis. Assim, ao focar um público de crianças do território para um conjunto de oficinas e vivências promovidas pelo projeto Clubinho da Mata, o intuito é trabalhar os corações e as mentes para uma vida equilibrada nas três relações ecológicas do cidadão, que devem ser saudáveis, harmônicas, equilibradas e sustentáveis. As três relações, na perspectiva de **Félix Guattari**, envolvem a relação com o ambiente; com os outros na sociedade; e, por fim, a relação consigo mesmo, o seu interior em harmonia. As ações voltadas para a promoção da saúde embora estejam voltadas para jovens e adultos, começam no trabalho com as crianças.

Gilson Antunes da Silva

As três ecologias - Félix Guattari - Ed. Papirus, 2020





Apresentação do Clubinho da Mata

É um programa de oficinas desenvolvidas anualmente, pelas equipes da Fiocruz Mata Atlântica (FMA), no contraturno escolar (atividades extraclasse), para crianças de seis a onze anos que residem na antiga **Colônia Juliano Moreira** e seu entorno. Suas atividades abordam de forma lúdica a saúde urbana e ambiental, visando contribuir para uma cidadania ativa, ao ampliar o olhar sobre o conceito de saúde, ambiente (natural e construído) e o território vivido.

Objetivo

Oferecer, no contraturno escolar, estímulos e atividades lúdicas que contribuam para promover uma reflexão das crianças sobre questões socioambientais e a determinação social da saúde no território, tendo em vista valores humanos e sociais, conhecimentos, aptidões e atitudes voltadas para a saúde coletiva, a preservação e o equilíbrio ecológico e a sustentabilidade.

Histórico

1ª Fase (2016 e 2017)

O Clubinho da Mata foi criado no ano de 2016 como uma estratégia de educação não formal voltada para crianças que residiam no entorno imediato do campus Fiocruz Mata Atlântica (Setor 1 da antiga Colônia Juliano Moreira), abordando, com muito afeto, brincadeiras e diálogo, questões socioambientais e de cidadania. A bióloga **Juliana Dias Maia** criou e desenvolveu a proposta e, nesta primeira fase, foi responsável por sua coordenação, mediando oficinas junto com o pedagogo **Samuel Pereira da Silva** – ambos da equipe social do Núcleo de Convívio da FMA.

A disposição inadequada dos resíduos sólidos já era um problema no território quando foi criado o Clubinho da Mata. As primeiras iniciativas da equipe social consistiram em visitas domiciliares de sensibilização e reuniões com as famílias que definiram a implantação de abrigos de lixo cercados para evitar a ação de cavalos e cachorros. O lixo espalhado nas ruas, enquanto um problema de saúde pública, afetava especialmente as crianças, além de ser um potencial criadouro para larvas do mosquito *Aedes aegypti*, transmissor da dengue, zika e chicungunya. Outro fator que reforçou a importância de ampliar estra-

Colônia Juliano Moreira

localizada na zona oeste da cidade do Rio de Janeiro, no bairro de Jacarepaguá, local que abrigou o antigo Hospital Psiquiátrico e onde atualmente se situa o Campus Fiocruz Mata Atlântica. A Colônia Juliano Moreira ao longo do processo de municipalização foi dividida em seis setores que, desde então, servem de referência para as esferas de gestão pública sobre esse território. A Fiocruz tem seu campus no Setor 1 onde, em área contígua da Superintendência do Patrimônio da União (SPU), estão localizados assentamentos de 220 famílias cadastradas em um Plano de regularização fundiária e urbanística.

tégias de mobilização das famílias sobre esta questão foi o “Plano de ação de controle de criadouros do Aedes no Setor 1 da antiga Colônia Juliano Moreira” elaborado pelas equipes da FMA. Isto foi feito no âmbito do Plano de Controle dos criadouros do *Aedes* nos campi da Fiocruz (Programa Fiocruz Saudável).



O Clubinho da Mata foi concebido com o objetivo de oferecer atividades de educação não formal no contraturno escolar para as crianças, e sensibilizar as famílias para mudanças de comportamento visando a promoção da saúde.

A proposta inicial envolveu o desenvolvimento de ações nas comunidades junto com as crianças para contribuir com a redução do lixo espalhado nas ruas e a proliferação de vetores e doenças, chamando a atenção das famílias para este problema. Foram realizadas oficinas de plantio, de velas com óleo de cozinha usado, revitalização dos abrigos de lixo nessas comunidades, visitas ao Horto escola e ao Museu da Vida da Fiocruz, idas ao teatro e experiências com muito desenho, pintura e cineminha.

Em 2017, houve continuidade na abordagem do tratamento do lixo, incluindo reflexões sobre o consumo excessivo, a reciclagem, os valores humanos, o ambiente e a sociedade, a agricultura urbana e a alimentação saudável. Foram realizadas oficinas para confeccionar cadernos ecológicos, produzir e organizar um desfile das crianças (‘Reciclar é chic’), uma feira de trocas, um cortejo animado pelas comunidades cantando o ‘rap do lixo’ escrito com a participação das crianças, cartografia social, hortas e alimentação, além de jogos eletrônicos sobre a temática saúde, oficinas de arte, teatro e excursão ao evento Fiocruz pra você em Manguinhos, bairro onde fica a sede da Fiocruz.

Cerca de 20 crianças frequentaram o projeto a cada ano, com a predominância do



sexo feminino e uma distribuição equilibrada na faixa etária de cinco a onze anos. A divulgação do projeto teve como foco principal as famílias do Setor 1 da antiga Colônia Juliano Moreira. Como a equipe social conhecia bem as famílias desta área, o Clubinho se caracterizou, nesta primeira fase, pela ênfase no aspecto afetivo e, ao mesmo tempo, estimulou uma reflexão sobre valores e a importância da participação em sociedade, oferecendo um espaço de escuta e expressão para as crianças.

As turmas eram formadas basicamente pelas mesmas crianças que cresciam e queriam continuar a participar. O programa era definido pela dupla **Juliana e Samuel**. Eles eram os responsáveis pelas oficinas relacionadas a valores como autoestima, respeito, honestidade, gratidão, amizade e resiliência a frustração, crítica ao consumismo e ao culto exagerado a padrões de beleza. As crianças também sugeriam temas. E ocorreu ainda uma busca ativa por profissionais da FMA que desejassem compartilhar seus saberes e propor atividades. Neste caso, **Samuel e Juliana** acompanhavam as oficinas porque eram a referência para as crianças e suas famílias.

Nesse período os profissionais da FMA promoveram as seguintes oficinas:

- > Aulas práticas de plantio no Horto Escola e implantação de jardins ao lado dos abrigos de lixo **Domingos Naime;**
- > Máscara (*stencil*) e registro fotográfico **Lin Lima;**
- > Decomposição da forma **Anna Cecília Gobbi;**
- > Oficina de desenho **Patrick Silva;**
- > Reciclagem de óleo de cozinha usado **João Souza;**
- > Agricultura urbana e segurança alimentar **Robson Patrocínio;**
- > Ponto de Leitura e Caderno ecológico **Rosangela Rodrigues;**
- > Artesanato e terapia comunitária **Fabíola Guimarães;**
- > Experiência sensorial e cadeia alimentar **Priscila Pedrette;**
- > Cuidados no plantio de mudas **Andrea Vanini;**
- > Zoonoses e biodiversidade **Martha Brandão;**
- > Cartografia social **Maria Afonso Penna;**
- > Mostrando o computador por dentro **Robson Santos.**



Parcerias

O estabelecimento de parcerias foi fundamental, tanto no âmbito da FMA como da Fiocruz. A equipe de jardinagem colaborou com a preparação dos canteiros e atividades práticas de plantio pelas crianças; a de manutenção realizou a revitalização dos abrigos de lixo existentes e a implantação de mais alguns em pontos estratégicos das comunidades; o **Horto Escola** doou mudas de espécies da Mata Atlântica e realizou uma visita guiada com as crianças; e o **Museu da Vida** cedeu um ônibus para as crianças visitarem o Parque da Ciência no campus Manguinhos.

Houve também parcerias externas com a cessão de ingressos para peças de teatro infantil no Sesc para as famílias das crianças; a capacitação de **Juliana** no curso para mediadores do **Instituto Criança é Vida**; o apoio no planejamento e cessão de instrumentos para o cortejo do lixo por **Rodrigo Sangodarê** do **Grupo de Teatro Corpo Pensante**; a doação de mudas de plantas ornamentais pelo **Parques e Jardins da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro**; mutirões de limpeza de áreas públicas, cessão de contentores laranja para os abrigos e de caçambas 24h para coleta de

bens inservíveis pela **Comlurb**; e a troca de óleo de cozinha usado por materiais de limpeza e participação em oficina sobre este tema pela empresa **Grande Rio Reciclagem Ambiental**.

Apoiadores - Lanche

A empresa **Mega Rede** apoiou o projeto na primeira fase com a doação semanal de ingredientes para o preparo de sanduíches e suco para o lanche das crianças. Juliana articulou a parceria e buscava semanalmente os ingredientes doados pelo supermercado e a preparação do lanche era feita por uma equipe de profissionais do campus, envolvendo principalmente ela mesma, **Samuel Pereira, Fabíola Guimarães e Rosana Cabral**.

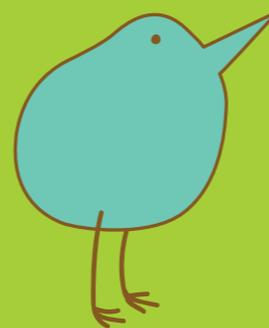
2ª Fase (2018 e 2019)

Após uma avaliação dos dois primeiros anos e dos bons resultados obtidos, em 2018 surgiu o interesse em realizar o planejamento coletivo de um programa anual para o Clubinho da Mata que integrasse saúde urbana e ambiental e reunisse todas as equipes da FMA. Foram realizadas inúmeras reuniões ampliadas com os profissionais que já tinham participado de oficinas nos anos anteriores e outros que tinham interesse em desenvolver novas atividades.

A proposta consistiu em desenhar coletivamente o programa anual com um conjunto de oficinas articuladas às temáticas do trabalho já desenvolvido pelas equipes no território. A maioria dos profissionais aceitou o desafio de transformar seu tema de trabalho em oficinas para crianças, adaptando a linguagem e pesquisando ou desenvolvendo metodologias e recursos lúdicos. Cada equipe apresentou aos demais sua proposta e metodologia de oficina para, num ambiente de abertura e flexibilidade, receber sugestões de ajustes e melhorias visando despertar o interesse e a curiosidade das crianças, estimulando sua expressão e iniciativa.

Outro desafio assumido pelas equipes envolveu o aumento do número de vagas, de 20 para 30 a cada ano, para viabilizar o acesso de famílias para além do Setor 1, com a divulgação das inscrições na antiga Colônia Juliano Moreira e entorno. Foi realizado, então, contato com o **CRAS Machado de Assis**, localizado naquela região, e a direção de escolas públicas de Ensino Fundamental I localizadas no entorno do campus, com a entrega de filipetas sobre o Clubinho da Mata para os alunos levarem para casa em suas agendas. A estratégia foi muito positiva e revelou uma demanda grande por atividades para crianças no contraturno escolar. Também permitiu que muitas famílias passassem a conhecer a Fiocruz Mata Atlântica. As inscrições foram realizadas presencialmente no campus, após uma apresentação para os responsáveis sobre o programa e os compromissos envolvidos. As oficinas, ministradas por profissionais da FMA e parceiros convidados, eram realizadas uma vez por semana (quartas-feiras, das 14 às 16h) no contraturno escolar.

Na segunda fase do Clubinho, o pedagogo **Samuel Pereira** e o educador socioambiental **Paulo Monteiro** (ambos da equipe social do Núcleo de Convívio) ficaram responsáveis pelo desenvolvimento geral do programa e estiveram presentes em todas as oficinas realizadas enquanto uma referência para as crianças e suas famílias. Cada oficina foi concebida e realizada por uma equipe responsável, que contava com o apoio de outros profissionais para o cuidado e atenção com as crianças, além de preparar e servir o lanche. Periodicamente aconteciam reuniões de equipe para discussão e deliberação coletiva sobre problemas ou dificuldades, informes sobre o acompanhamento da participação das crianças e responsáveis, análise a partir da observação participante dos profissionais de apoio e sugestões de melhoria na avaliação geral ao final de cada ano.





O programa do Clubinho da Mata 2018 e 2019

Em 2018, o programa foi organizado em quatro módulos, iniciando com a percepção das crianças sobre seu corpo, emoções, alimentação e saúde para então ampliar o olhar para o entorno. O primeiro (**Cuidando da gente**) trabalhou a consciência corporal, a identificação e comunicação das emoções, os cuidados com o corpo e a alimentação. O segundo (**A Casa, o quintal e a cidade**) abordou as percepções sobre a casa e sua relação com a saúde da família, a importância e os cuidados com a água e o saneamento, como transformar o que é considerado “lixo” em composto orgânico, o reaproveitamento de materiais, a reciclagem do óleo de cozinha. Também permitiu que as crianças conhecessem a história de agricultoras urbanas agroecológicas, visitassem hortas, mexessem na terra e plantassem. O terceiro (**Saúde e ambiente**), no Horto Escola do campus, proporcionou experiências sensoriais com o solo, sementes e plantas e sua importância para o bem viver. E no último módulo (**Descobertas**) as próprias crianças elegeram temas de interesse para discussão,

revisitando aprendizados, exercitando a escuta do outro, a fala diante de todos, as decisões coletivas, o trabalho em grupo e o debate de ideias. A avaliação do programa ao final do trabalho com as crianças e os responsáveis foi muito positiva.

No ano seguinte, nas reuniões de planejamento com todas as equipes, surgiu a ideia de trabalhar oficinas sobre o território a partir de uma atividade realizada na primeira fase do Clubinho que foi muito bem sucedida. Isto inverteu o sentido do programa, que começou com oficinas sobre o território (área da antiga Colônia Juliano Moreira, o ambiente e a cidade); depois a casa e o quintal; e, por fim, a atenção e o cuidado consigo mesmo. A arte e a cultura ganharam uma importância especial nesta edição a partir da parceria estabelecida com o **Museu Bispo do Rosário**. Foram realizadas oficinas artísticas em parceria. O resultado foi uma instalação feita com as crianças no Grande Salão para a exposição ‘Utopias’, inaugurada no Museu em setembro de 2019*.

Nos dois anos, o primeiro dia de atividades tinha uma dupla função. Enquanto as crianças participavam da oficina Quintal brincante para um primeiro acolhimento e conhe-

*Portifólio da exposição - museubispodorosario.com/portfolio/utopias-material-complementar

cimento mútuo, com muitas atividades lúdicas e a pactuação de combinados, era realizado um encontro com os responsáveis em uma sala. O objetivo era permitir o conhecimento mútuo entre eles, promover a integração, apresentar o programa em maior detalhe, tirar dúvidas e reforçar os compromissos pactuados (especialmente a pontualidade e a criança ser trazida e buscada por um adulto autorizado pela família), além de apresentar o **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)** a ser assinado, caso permitissem o registro fotográfico e em vídeo das crianças nas atividades do projeto.

Nesse momento também eram abordadas as diferentes formas de participação dos responsáveis que poderia envolver: trazer alguns itens de sucata limpa, sempre que solicitado pela equipe; um saquinho com cascas de legumes e frutas e borra de café para a oficina de compostagem; óleo de cozinha usado em uma garrafa pet para a oficina Coleta seletiva; assistir a apresentação do trabalho feito pelas crianças no final de cada módulo; e participar da organização da festa de encerramento. E também acompanhar as crianças nas saídas externas, como a visita ao **Museu da Vida e Castelo Mourisco na Fiocruz**, em Mangueiras, e à **Semana de Ciência e Tecnologia da Zona Oeste**, no **Centro Esportivo Miécimo da Silva**, em Campo Grande, onde percorriam os *stands* de escolas e instituições, inclusive da FMA.



Parcerias

Houve o estreitamento da parceria com a **Fundação Angélica Goulart** para troca de experiências e compartilhamento de materiais para o Clubinho da Mata através do profissional **Paulo Monteiro**. Esta Fundação há três décadas atende crianças, adolescentes, jovens e adultos da comunidade de Pedra de Guaratiba, na Zona Oeste do Rio de Janeiro. Suas ações promovem o bem-estar familiar, a inclusão social e o desenvolvimento comunitário, articulando uma rede de parceiros e contribuindo para a defesa de políticas públicas que garantam aos jovens seus direitos.

A parceria da Fiocruz Mata Atlântica, através de **Sigrid Hoppe**, com a equipe **Ações territorializadas do Museu da Vida**, viabilizou a cessão de um ônibus para transportar as crianças, seus responsáveis e mediadores do projeto até o campus Mangueiras para visita ao **Museu da Vida** e ao **Castelo Mourisco**.

E a parceria com o coletivo que organiza a **Semana Nacional de Ciência e Tecnologia da Zona Oeste (SNCTZO)**, através da participação do profissional **Paulo Monteiro** nas reuniões,

viabilizou o transporte das crianças e seus responsáveis, acompanhados por mediadores do projeto, até o evento realizado no **Centro Esportivo Miécimo da Silva em Campo Grande**.

A equipe do Clubinho da Mata estabeleceu contato com **Diana Kolker do Educativo do Museu Bispo do Rosário**. A ideia inicial era promover a visita das crianças ao Museu. Mas a parceria foi ampliada após conhecerem a exposição '*Olhares e memórias da Colônia*' realizada no campus, passando a envolver o desenvolvimento de uma instalação das crianças no Grande Salão da exposição '*Utopias*', a partir de oficinas com o artista gráfico **Lin Lima**.

Apoiadores

Nas reuniões de planejamento, em 2018, foi priorizado pelas equipes a definição de estratégias para viabilizar um lanche mais saudável para as crianças. **Lúcia Santana** elaborou a



proposta de cardápio saudável para o lanche semanal do Clubinho da Mata, incluindo itens de quatro categorias de alimentos: frutas, carboidratos, proteínas e bebidas.

Uma comissão da FMA formada por **Isabel Bonna, Maria Alice Kuzel e Sócrates Neto** conseguiu apoio junto a vários mercadinhos do entorno do campus para que doassem, semanalmente, alimentos saudáveis para o lanche das crianças. O método utilizado pela comissão foi levar a estes locais um ofício

(Solicitação de apoio na doação de alimentos para a oferta de um lanche saudável semanal para 30 crianças de seis a 11 anos do projeto Clubinho da Mata: Crianças em ação na promoção da saúde).

Em 2018 houve a oficialização da parceria da FMA com dois mercadinhos locais. O **Super Rede** forneceu carboidratos, proteínas e bebidas e o **Rio Grande da Taquara**, frutas. A contrapartida para ambos foi a divulgação de suas logomarcas na blusa institucional do projeto, usada pelas crianças. Além de relatórios, no final do ano, e um convite para a confraternização de encerramento. No ano seguinte, utilizando este mesmo método, **Isabel Bonna** confirmou a continuidade da parceria. Um grupo de profissionais da FMA assumiu a responsabilidade de coletar as doações, organizar, higienizar, preparar e servir o **lanche coletivo saudável para as crianças**. Participaram desse coletivo os profissionais **Isabel Bonna, Stella Martins, Rosana Cabral, Claudia Moraes, Cristiane Oliveira, Bruna Telles, Cleonice Dias e Maria Affonso Penna**.

O intervalo para o lanche foi pensado como um momento de reposição de energia e descontração das crianças, promovendo a socialização e a experimentação de diferentes sabores (especialmente o fato de ter menos açúcar e produtos industrializados), dialogando com as oficinas e trabalhando aprendizados e conceitos como o pensar na coletividade, higiene pessoal, alimentação saudável, cuidados com o ambiente, entre outros.

Para a oficina "Da cabeça aos pés" houve doação para cada criança de um kit para limpeza dos dentes (pasta de dente, escova de dente, fio dental e enxaguatório bucal) pela Exacte - Centro Multidisciplinar de Reabilitação Oral, e de um shampoo floral para pediculose doado por Florais Amigas da Terra. E na oficina 3R's para crianças, a Grande Rio Reciclagem Ambiental fornece materiais de limpeza para trocar por óleo de cozinha usado.

Referenciais metodológicos

A metodologia, inspirada na pedagogia de **Paulo Freire**, foi desenvolvida no sentido de promover um "aprender brincando" conteúdos de saúde urbana e ambiental, tendo em vista a construção de conhecimentos junto com as crianças, a partir de sua realidade e do território em que vivem. Utiliza diferentes recursos pedagógicos para trabalhar a ludicidade ao longo do processo, como expressão artística, jogos, brincadeiras, teatro, contação de histórias, vídeos, experiências sensoriais e vivenciais com a elaboração de produtos pelas crianças (trabalhos em grupo para produção de maquetes, por exemplo, ou individuais). Os responsáveis por elas também participam de reuniões, oficinas de sensibilização e da organização de eventos de integração com a equipe das oficinas.

O termo educação abrange um universo que extrapola os muros da escola, instituição com papel central na formação dos estudantes que por ela passam, principalmente no que diz respeito ao acesso aos conhecimentos historicamente sistematizados pela sociedade. As particularidades da educação, no seu sentido mais amplo, são muitas. Entre elas a educação não formal, uma modalidade que vem ocupando um espaço significativo no cenário nacional e que, por isso, vem merecendo atenção por parte de diferentes segmentos da sociedade¹. A educação não formal é complementar à escola, desenvolvendo processos de aprendizagens e construção de saberes por meio de vivências eminentemente lúdicas e prazerosas.

A educação não formal capacita os indivíduos a se tornarem cidadãos do mundo, no mundo². Sua finalidade é criar oportunidades de conhecimento sobre o ambiente e as



1. VON SINSON, PARK; SIEIRO, 2001, p. 9.

2. GOHN (2006).



relações sociais e seus objetivos são construídos, inclusive por meio do processo interativo, gerando um processo educativo. O principal instrumento de trabalho do educador social é o diálogo (GOHN, 2010). Não o simples “jogar conversa fora”, mas o diálogo tematizado, estruturado com base em propostas de atividades. Somam-se a ele o estudo de fundamentos teóricos e a prática de atividades que visam a uma formação integral do sujeito, não apenas aquela relacionada ao avanço dos aspectos cognitivos. A atividade mental infantil depende de sua experiência e atuação sobre objetos, adquirindo significação a partir das relações com o outro³. A interação, enquanto matriz de significação, é um

dos processos constituintes da linguagem, e assim, do sujeito⁴. A formação do pensamento, as condutas simbólicas e as significações são construídas pela criança através de sua ação sobre o mundo, mediada pelo outro (adulto significativo). É nesta relação que são construídos os significados. Assim, considera-se que o educador cumpre o papel de facilitar a trajetória de cada criança na direção do desenvolvimento pessoal e social, contribuindo para a criação de um ambiente educativo, participativo e democrático.

Assinala-se que a internalização de novos saberes pelas crianças envolve o ato de comparação com o que se sabia anteriormente e a auto-observação da prática de atos voluntários para permitir à criança uma nova maneira de relacionar-se com o ato em si, possibilitando a manipulação isolada do mesmo e sua avaliação e, também, a sua alteração quando julgar necessário⁵. Quando o sujeito consegue perceber-se nos diferentes processos socioespaciais e ambientais e refletir sobre as consequências de seus atos e, se consegue modificá-los para que estejam de acordo com práticas adequadas, está tendo uma consciência crítica, o que é justamente um dos objetivos da educação ambiental (EA), **artigo 5º da Lei 9.795/99 (BRASIL, 1999)**⁶.

Desse modo, pretendeu-se abarcar uma consciência socioespacial e ambiental, sempre como um processo bilateral e horizontal, entendendo a educação como uma situação que envolve ‘educandos’/crianças e ‘educadores’/mediadores, em que estes exercem papel de organizadores do ambiente social de desenvolvimento⁷, condizente com as propostas da **Aprendizagem Significativa Crítica**⁸. Buscou-se, ainda, nos encontros realizados, contribuir para a geração de um conhecimento que pudesse perpassar a estrutura física da instituição e ser levado para casa, onde as crianças compartilhassem experiências com os

3. ZORZI (1995).

4. FREIRE (1995).

5. VYGOTSKY (2008).

6. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. Art. 5º São objetivos fundamentais da educação ambiental: I - o desenvolvimento de uma compreensão integrada do meio ambiente em suas múltiplas e complexas relações, envolvendo aspectos ecológicos, psicológicos, legais, políticos, sociais, econômicos, científicos, culturais e éticos; II - a garantia de democratização das informações ambientais; III - o estímulo e o fortalecimento de uma consciência crítica sobre a problemática ambiental e social; IV - o incentivo à participação individual e coletiva, permanente e responsável, na preservação do equilíbrio do meio ambiente, entendendo-se a defesa da qualidade ambiental como um valor inseparável do exercício da cidadania; (...).

pais, os irmãos, familiares e vizinhos. Assim, por meio da construção de uma consciência crítica durante o processo de aprendizagem, as crianças, poderiam se apropriar de aspectos do seu futuro papel como atores sociais⁹.

Essa perspectiva revela a importância do reconhecimento do espaço vivido e percebido no processo educativo: cuidamos daquilo que conhecemos e do que possui um significado subjetivo. Não se trata, portanto, da repetição de um discurso impessoal dissociado das ações cotidianas, mas da criação de uma afinidade pelo objeto a ser protegido pela criança.

Valorizou-se, assim, o aprofundamento de atividades relacionadas a um determinado tema, que pode ser de suma relevância para construir laços entre o potencial criativo e a ação, a fim de articular os saberes com ações cotidianas¹⁰. Nessa abordagem, incluíram-se aspectos da *Aprendizagem Significativa Crítica* - amplamente desenvolvida por **Paulo Freire** no Brasil - que consiste em relacionar novos conhecimentos com os conhecimentos prévios do aprendiz¹¹.

Referências bibliográficas

- BOAL, A. Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 8ª ed., 2005. 224 p.
- BRANDÃO, C. R.; STRECK, D. R. Pesquisa Participante: o saber da partilha. Aparecida: Ed. Ideias e Letras, 2006. 27 p.
- BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. Lei n. 9.795/1999. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. 1999. Disponível em <<http://www.mma.gov.br/port/conama/legiabre.cfm?codlegi=321>>. Acesso em: 27 abril 2014.
- FREIRE, P. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970. 184 p.
- FREIRE, R. M. A linguagem como processo terapêutico. São Paulo, Plexus, 1995.
- GOHN, M. G. Conselhos gestores e participação sociopolítica. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2003. Educação não-formal e cultura política. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- GOHN, Maria da Glória. Educação não formal e o educador social. Atuação no desenvolvimento de projetos sociais. São Paulo: Cortez, 2010. 104p.
- MAGNANI, Claudia Muniz Moreira. Os Conflitos Socioambientais frente à Disputa pelo Espaço em Áreas de Risco: lições do caso de Moravia, Medellín/Colômbia para a experiência brasileira no Morro do Bumba e do Céu em Niterói, Rio de Janeiro/Brasil, 2017.
- MATAREZI, J. Despertando os sentidos da educação ambiental. Educar, Curitiba, n. 27, p. 181-199, 2006.
- MOREIRA, M.A. Aprendizagem significativa. Brasília: Editora da UnB, 1999. 129 p.

7. PRESTES (2012).

8. MOREIRA (1999).

9. BRANDÃO & STRECK (2006).

10. FREIRE (1970).

11. MOREIRA (1999).

PRESTES, Z. L.S. Vigotski: algumas perguntas, possíveis respostas. In: VAZ, A. F.; MOMM, C. M. (Org.) Educação Infantil e Sociedade: questões contemporâneas. Nova Petrópolis: Nova Harmonia, 2012. p. 57-71.

VON SINSON, O.R.; PARK, M. B.; FERNANDES, R. S. (orgs). Educação não-formal: cenários da criação. Campinas, SP: Editora Unicamp/Centro de Memória, 2001.

VYGOTSKY, L. S. Pensamento e Linguagem. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008. 194 p.

ZORZI, J. L. Linguagem e Aprendizagem. In: MARCHESAN, I.Q.; BOLAFFI, C.; GOMES. 1. C. D.; ZORZI, J. L. Tópicos em Fonoaudiologia v. 2. São Paulo, Lovise, 1995.

Resultados

Participaram das edições do Clubinho da Mata entre 2016 e 2019 cerca de 100 crianças residentes no entorno da Fiocruz Mata Atlântica. Houve uma avaliação muito positiva das próprias crianças e dos responsáveis. O processo de avaliação foi realizado em rodas de conversa com as crianças e depois com os responsáveis, trazendo relatos de como as primeiras levam para casa muitos dos conteúdos trabalhados nas oficinas. A maioria das crianças continua nos anos seguintes. Os casos de descontinuidade ocorreram, na maior parte das vezes, por mudança do turno da escola, doença na família ou pelo fato de não ter uma pessoa para trazer e buscar a criança.

Os mercadinhos parceiros também mantiveram o interesse em continuar a parceria em 2020. Um de seus representantes participou da celebração de encerramento e ficou impressionado com a exposição dos trabalhos e a participação das famílias. Mas a edição do ano de 2020 foi cancelada devido à pandemia da Covid-19.

A avaliação interna do processo com as várias equipes da FMA revela o compromisso dos profissionais em buscar, a cada ano, aperfeiçoar metodologias para oferecer oficinas que possam ser cada vez mais lúdicas, despertando, sempre, o interesse e a curiosidade. Por isto o programa das oficinas não é fixo e há flexibilidade para mudanças e rearranjos, a introdução de novos conteúdos ou modificação de propostas anteriores. Os mediadores revelaram ter ocorrido um aprendizado constante na interação com as crianças, que enriqueceram e modificaram as propostas conforme o diálogo e as trocas realizadas.

Como desdobramentos significativos, além da instalação das crianças no **Grande**

Salão do Museu Bispo do Rosário, na exposição *Utopias* em 2019, houve convites para a realização de oficinas em escolas públicas do entorno. Uma das mães das crianças, que era do conselho de pais da **Escola Municipal Juliano Moreira**, articulou com a direção da escola a realização da oficina *Da cabeça aos pés*, da equipe Saúde Ambiental, para quatro turmas do 1º e 2º ano. E a mediadora da oficina Fazendo amizade com as emoções recebeu o convite para adaptar este tema para alunos adolescentes de ensino médio do **Colégio Estadual Brigadeiro Shorcht** e da **Escola Estadual Eunice Wiever**. Trabalho realizado através de duas oficinas nestas instituições.



Temas e oficinas

2ª Fase (2018 - 2019)



O brincar, a escuta, a conexão e a expressão

A importância do 'brincar' tem como referência as reflexões de **Walter Benjamin** sobre esse campo do conhecimento. Ao projetar um novo olhar para a infância e a criança, o autor compreende que a brincadeira não está deslocada dos processos de construção histórica e social. Nesse sentido, a criança, a partir do "jogo" se inscreve como "sujeito" produtor de cultura. O sujeito infantil se revela nas representações e significados que as práticas culturais – as brincadeiras – produzem, ao passo que reinventa novas formas de brincar, ao revalorizar e ressignificar as brincadeiras. Ao operar essa transformação, as crianças estabelecem uma relação íntima e afetiva com os brinquedos e o ato de brincar. Ao mimetizar o objeto do brincar, sem que ele perca sua utilidade real, a criança reorganiza, através do imaginário, os diversos 'brincares'. Portanto, durante a brincadeira, as distinções entre as intenções do adulto e a criança são visíveis, pois além de estar no espaço do brincar, ela é o próprio brincar¹².

A escuta, conexão interna e expressão por sua vez, são fundamentais para o desenvolvimento do autoconhecimento, autoconfiança, respeito e empatia diante do outro. Foram então desenvolvidas algumas oficinas para trabalhar esses aspectos com as crianças, com vistas a estimular maior consciência de si mesmas, de seu corpo e da identificação de seus sentimentos, assim como sua expressão e relação com outras pessoas em atividades de análise, proposição e decisão coletiva.

"Uma aptidão social fundamental é a empatia, ou seja, a compreensão dos sentimentos dos outros e a adoção da perspectiva deles, e o respeito às diferenças no modo como as pessoas encaram as coisas. Os relacionamentos são um foco importante, incluindo aprender a ser um bom ouvinte e um bom questionador; distinguir entre o que alguém diz ou faz e nossas reações e julgamentos; ser mais assertivo, e não raivoso ou passivo; e aprender as artes da cooperatividade, solução de conflitos e negociação de compromissos" (GOLEMAN, 2012, p. 284).

12. BENJAMIN (1984).



Referências bibliográficas

BENJAMIN, Walter. Reflexões: a criança, o brinquedo e a cultura. Campinas: Summus, 1984.
BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas. Sobre Arte, Técnica, Linguagem e Política. Lisboa: Relógio D'água, 1992
FREIRE, J. B. Educação de Corpo Inteiro. São Paulo: Editora Scipione, 1989.
GOLEMAN, Daniel. Inteligência emocional: a teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

Quintal brincante

Objetivo

Abertura do programa, acolhimento, apresentação e integração das crianças com pactuação de regras de convivência e brincadeiras coletivas, algumas antigas sugeridas pelos mediadores e outras trazidas pelas próprias crianças.



Atividades realizadas

Esta oficina é o primeiro dia com as crianças, para apresentação e integração entre elas e com os mediadores e a instituição, com muitas brincadeiras divertidas no pátio interno do campus da FMA. Como as crianças chegam com muita energia, curiosidade e necessidade de interação, essa oficina é totalmente lúdica para acolher esse momento. Após o acolhimento das crianças e das boas-vindas, com uma roda de apresentação convidando-as a dizer o nome e alguma coisa que gostam ou não, são dadas informações sobre regras básicas que envolvem o cuidado e uso do espaço (avisar que precisa ir ao banheiro ou beber água, ficar sempre no grupo, como será o lanche etc.) e são estabelecidos alguns “combinados” de convivência para as próximas oficinas tais como: avisar se precisar faltar, a questão da pontualidade e conversa sobre a importância de um compromisso em relação à participação no projeto e como isso afeta todo o grupo.

A primeira brincadeira foi o caça ao tesouro em grupos, para trabalhar a cooperação e a organização entre as crianças. Cada equipe de crianças escolhe uma para ser o líder e, com base em



um mapa indicando desafios (pistas), precisam encontrar o seu tesouro (bombons e um poema) – todas as equipes ao mesmo tempo. Devido à dinâmica dessa primeira atividade, após o seu término, as crianças são orientadas a lavar as mãos e ir para o lanche coletivo. No tempo restante, os mediadores e as crianças propõem brincadeiras mais leves e rápidas e escolhem juntos quais serão realizadas. Eles brincam de peteca, alerta cor, pique-cola, pique-esconde, pula corda e futebol misto. Os mediadores perceberam que as crianças trouxeram novas versões de brincadeiras antigas, como o pique-cola, nas quais elas definem modificações e complementos para deixá-las mais desafiantes e emocionantes.

Enquanto as crianças se divertem, os responsáveis participam de uma reunião com mediadores do Clubinho da Mata para integração, conhecimento mais detalhado do programa, tirar dúvidas, pactuar compromissos e definir juntos a forma de comunicação (optaram por um grupo na plataforma *WhatsApp* pactuando regras na utilização).

Equipe responsável

Samuel Pereira e Paulo Monteiro (Núcleo de Convívio)
samuel.silva@fiocruz.br

Forunzinho descobertas

Objetivos

Incentivar as crianças a refletir e compartilhar seus sentimentos e reflexões em geral e especialmente sobre os temas vistos nas outras oficinas, com foco na valorização da escuta, do diálogo, da participação e da autonomia; estimular descobertas a partir de conversas sobre temas escolhidos pelas crianças; trabalhar em grupo e realizar uma apresentação para os pais; e avaliar o programa com as crianças e com os responsáveis.

Atividades realizadas

Estas oficinas foram realizadas em vários momentos ao longo de cada edição do Clubinho da Mata. Os mediadores preparavam o ambiente previamente com a disposição de um longo um varal de fotos sobre o conjunto de oficinas re-



alizadas e a exposição de materiais produzidos, para que as crianças pudessem lembrar esses momentos. A seguir, elas formavam grupos e, observando as fotos e materiais, escolhiam os temas que gostaram ou se identificaram mais. O importante era estimular a autonomia das crianças em trabalhos em grupo, decidindo o que seria feito a partir de suas impressões e da memória afetiva do que foi vivenciado (suas descobertas pessoais e coletivas). A partir dessa escolha, faziam uma releitura coletiva sobre as experiências e aprendizados, e utilizando papel pardo, caneta e lápis de cor para desenhos e textos, colagens (imagens de revistas) e material reciclado, produziam, em grupo, uma apresentação sobre esses temas. Ao final, cada grupo apresentava sua produção para os demais e trocavam entre si suas experiências. Todas as crianças eram estimuladas a falar, mas sempre respeitando sua vontade. Algumas se destacavam e surpreendiam ao fazer descrições com riqueza de detalhes, enquanto outras eram mais tímidas e se expressavam mais através de desenhos na produção da apresentação. Notou-se que as crianças mais velhas ou mais desvolvas ajudavam as mais novas ou mais tímidas. A participação das crianças dependia da peculiaridade do grupo. Num ano apresentavam muita energia e brincadeira por se conhecerem. Noutro, o conjunto de crianças tinha uma faixa etária maior, poucos se conheciam previamente e, talvez, isto tenha propiciado um comportamento mais concentrado e “maduro”, trazendo vivências da escola.

Também acontecia uma roda de conversa com os responsáveis para apresentação do trabalho coletivo das crianças e avaliação do programa, para que tivessem a oportunidade de fazer sugestões, trazendo inclusive, o que as crianças conversavam em casa sobre as oficinas. Os retornos foram sempre positivos.

Equipe responsável

Paulo Monteiro e Samuel Pereira (Núcleo de Convívio)

paulo.sales@fiocruz.br

Fazendo amizade com as emoções

Objetivo

Através da contação de história com fantoches e de uma atividade lúdica, estimular as crianças a identificar, nomear e expressar os próprios sentimentos. A aprendizagem de habilidades socioemocionais é uma das estratégias mais significativas para um maior autoconhecimento, ter relações interpessoais saudáveis, desenvolver autocontrole e reduzir conflitos. Começar a conhecer melhor as próprias emoções é um primeiro passo.

Atividades realizadas

Acolhimento das crianças sentadas em roda e contação da história do livro *Tenho monstros na barriga*, de **Tonia Casarin**, com uso de fantoches (feitos a partir de meias de pano), usando imagens impressas dos monstros das emoções da própria obra. À medida que cada monstro desenhado pelo menino era apresentado, perguntas eram feitas para as crianças se expressarem livremente: “- Já conhecem essa emoção? - O que o menino da história deve ter sentido em seu corpo quando essa emoção veio? - Em que outras situações o menino pode sentir essa emoção?”. A história foi adaptada no final incluindo a ideia de que o menino fez uma latinha das emoções para colocar dentro dela seus pensamentos e emoções, sempre que tinha vontade, na forma de desenho ou por escrito, o que facilitava para ele depois conversar com seus pais ou responsáveis sobre aqueles sentimentos. Foi mostrada a latinha do personagem (feita a partir do reaproveitamento de uma lata de leite em pó encapada com o verso do rótulo, colagens de desenhos de emoções e a tampa de plástico cortada como um cofrinho).

Após o lanche as crianças foram convidadas a fazer sua própria latinha das emoções. Foram distribuídas latas de leite em pó previamente higienizadas, encapadas e com a tampa adaptada, para que as crianças pudessem livremente desenhar, escrever ou fazer colagens de figuras a partir de revistas. Cada criança levou para casa sua latinha das emoções personalizada com seu nome e sua arte. Houve intensa participação das crianças durante a contação da história – algumas expressaram seus sentimentos em grupo, ou individualmente na hora do lanche e ficaram muito animadas em fazer sua latinha das emoções e levar para casa. Houve um retorno muito interessante de alguns pais relatando que as crianças realmente usaram as latinhas e, em um caso, a mãe descobriu que o filho estava sofrendo *bullying* na escola ao conversar com ele sobre o que estava na latinha.

Em 2019 foi inserido um novo elemento para tornar a oficina mais lúdica e dinâmica. Após a contação com o fantoche e a latinha, as crianças foram convidadas a jogar dois dados gigantes. Em cada face do dado foi colada a figura de um monstrinho das emoções. Ao jogar o dado, a criança falava um pouco sobre o monstrinho que saísse – medo, alegria, tristeza, raiva, amor... Isto foi bem divertido e as crianças gostaram muito. Após o lanche, a



confeção da latinha das emoções personalizadas, dessa vez, contou com imagens impressas pré-recortadas sobre diferentes emoções (desenhos e imagens de expressões faciais de pessoas) e as crianças divididas em grupos escolhiam as que queriam colar em sua latinha ou desenhavam se preferissem. Essa adaptação permitiu uma participação mais ativa das crianças no jogar o dado, mantendo o interesse e a concentração até o final da oficina.

Equipe responsável

Flávia Passos Soares (Núcleo de Convívio)

flavia.soares@fiocruz.br

Corpo e movimento

Objetivos

Em uma sociedade com tendência crescente ao sedentarismo, especialmente pelo uso excessivo de dispositivos eletrônicos, esta oficina é voltada para ampliar a percepção e a consciência corporal das crianças, estimulando a atenção, a concentração e a sensação de tato consciente utilizando diferentes objetos; estimular a curiosidade investigativa e a criatividade no movimento corporal; trabalhar a noção de limites de orientação espacial que servem de base para aprendizados e desenvolvimento de habilidades futuras.



Atividades realizadas

A oficina iniciou o acolhimento com uma dinâmica 'quebra-gelo', na qual as crianças em roda passavam uma bola de ar de mão em mão. Ao receber a bola a criança se apresentava dizendo qual a parte do corpo mais gostava e, depois, passava a bola para a criança ao lado, que ao recebê-la fazia o mesmo. A seguir, a mediadora fez uma breve contextualização sobre a anatomia básica do corpo humano (a partir de uma imagem impressa do esqueleto humano do tamanho de uma criança), abordando a função de algumas partes e relacionando com a anatomia de outros animais e plantas. As crianças foram então convidadas a usar suas mãos para apalpar sua própria estrutura óssea, para que descobrissem os diferentes tipos de formato ósseo.

Para acordar o corpo, as crianças foram estimuladas a se

movimentar ao ritmo de músicas (mover a cabeça, os braços, quadris e pernas) para o reconhecimento do corpo em ação como instrumento de expressão. Em seguida, foram organizadas em grupos de cinco, para montar e colar um quebra-cabeça do esqueleto humano de tamanho aumentado.

Após o intervalo do lanche, participaram de um Circuito de atividades físicas:

- 1) atravessar engatinhando um túnel humano (crianças em duas filas com as mãos dadas, formando um túnel);
- 2) andar, se equilibrando, sobre um 'peso de porta' no formato de cobra;
- 3) pisar em uma ponte feita com bambus fininhos dispostos horizontalmente, sentindo a textura e o contato;
- 4) andar de lado em calhas de bambus maiores trabalhando o arco plantar;
- 5) se equilibrar em um disco flexível de borracha cheio de ar, estimulando a propriocepção (noção de espaço e localização).

Uma criança de cada vez passava pelo circuito até que todas tivessem participado. A maior parte delas gostou muito da atividade.

Em 2019, a oficina ocorreu no pátio interno do Pavilhão Agrícola do campus da FMA. Foi iniciada com uma conversa informal com as crianças sentadas em roda sobre colchonetes abordando o tema fisioterapia e lesões. Com uma música como trilha sonora, as crianças foram convidadas a fazer movimentos de deitar, rolar, espreguiçar, arrastar, quatro apoios e imitar os movimentos de animais como minhoca, lagarto, gato, macaco e humanos. A seguir, a mediadora pediu que as crianças ficassem de pé, caminhassem sozinhas, depois seguissem algum colega e em seguida andassem em contato com alguém (uma, depois três pessoas... até formar um único grupo).

A dinâmica seguinte envolveu o desenho de sons. A mediadora convidou uma ou mais crianças para se sentar no centro da roda com os olhos vendados. Cada uma recebeu uma giz de cera e um papel de tamanho grande. Enquanto as demais produziam sons com instrumentos de sucata, violão e pandeiro, aquelas com os olhos vendados desenhavam traços a partir daqueles estímulos sonoros. Ao final os desenhos foram socializados. Na sequência foi trabalhado o telefone sem fio em duplas. Uma das crianças ficava posicionada de frente para um papel colado na parede, enquanto a outra fazia com o dedo um desenho nas costas da primeira, que então reproduzia esse desenho com lápis de cor no papel à sua frente. Depois, a dupla trocava de lugar. Para concluir foi proposta uma impro-

visação geral com desenho e dança. Em um painel em branco (área do chão e da parede encapada com papel de forma contínua), as crianças, estimuladas por músicas, faziam desenhos que expressassem corporalmente aqueles ritmos. Verificou-se que a conversa inicial com a mediadora foi importante, por permitir a escuta das crianças (uma delas já tinha sintomas de lesão de esforço repetitivo), maior conhecimento sobre fisioterapia (algumas conheciam outras não) e a participação nas demais atividades revelou grande interesse e curiosidade das crianças – algumas pediram e puderam levar os instrumentos de sucata para casa.

Referências bibliográficas

BOFF, F. B. (Org.) Pequenes: Dança, corpo e educação. 1ª Edição. Porto Alegre: CANTO - Cultura e Arte 2017.

VISCHNIVETZ, Berta. Eutonia. Educação do corpo para o ser. São Paulo: Summus, 1995.

Equipe responsável

Elizabeth Gomes Barbosa

elizabeth.barbosa@fiocruz.br

Alimentação saudável

Soberania e segurança alimentar e nutricional, agricultura urbana, agroecologia e saúde são temas importantes presentes no trabalho desenvolvido pelas equipes da Fiocruz Mata Atlântica no território em parceria com redes e movimentos sociais. Foram desenvolvidas oficinas para trazer informações e explorar os sentidos, a reflexão e a afetividade no ato de se alimentar: aprendendo mais sobre os diversos tipos de alimentos, refletindo sobre o que é gostoso e o que é saudável, conhecendo quem produz a comida de verdade e como o alimento chega à mesa para o consumo. As oficinas são lúdicas, com muita experimentação para expor possibilidades de uma alimentação mais saudável para toda a família.



Entendendo e experimentando a pirâmide alimentar

Objetivo

Entender a Pirâmide Alimentar correlacionando seus diferentes patamares às quantidades diárias, atentando para a importância da inclusão de atividades físicas regulares e consumo de água como fatores primordiais para uma vida saudável.

Atividades realizadas

Acolhimento das crianças e uma sensibilização sobre a importância da alimentação saudável com um bate-papo sobre quais atividades físicas mais gostavam. A atividade seguinte foi a montagem de um jogo educativo sobre a pirâmide alimentar – considerando a mudança da base na pirâmide brasileira com a inserção de atividades físicas e o consumo da água como primordiais à saúde. As crianças foram divididas em grupos e tinham que escolher e colar imagens dos alimentos e suas res-



pectivas quantidades, nos locais adequados, em um papel pardo com uma grande pirâmide alimentar desenhada (vazia).

Como uma atividade prática, a mediadora realizou uma oficina junto com as crianças para fazer um suco verde e permitir o contato direto com os alimentos (frutas e hortaliças), abordando sua higienização e a importância de saber a origem desses alimentos. A receita de suco verde foi impressa e entregue aos pais. Depois dessa experiência, que a maioria das crianças nunca havia tido, houve um passeio até o Horto Escola da FMA, onde, junto com as mediadoras, as crianças fizeram alguns exercícios físicos inspirados no *tai chi chuan* ao ar livre. Simularam movimentos circulares como o da Terra e atenção à respiração.

Depois dos exercícios, as crianças foram levadas até uma grande mesa, onde havia alimentos para um lanche saudável dispostos na forma de uma grande pirâmide alimentar (tipos e quantidade adequada) como no jogo e no vídeo que assistiram. Elas puderam experimentar na base da pirâmide: água, depois as frutas, em seguida amendoim torrado (leguminosas), pão e biscoito integral (cereais). No outro nível, proteína com pasta de atum e ovo de codorna; e, no topo, com menor quantidade, tortinha de biscoito de brigadeiro (açúcar). Com

isso, as crianças descobriram sabores e experimentaram alimentos que ainda não conheciam e aprofundaram a conversa sobre a qualidade e quantidade dos alimentos para uma alimentação saudável. No final, levaram uma parte do lanche para casa para experimentar com as famílias.

Ao longo da oficina, realizada em 2018, houve uma conversa descontraída com as crianças sobre hábitos alimentares, doenças ligadas à alimentação inadequada, a importância do exercício físico para uma vida mais saudável e a importância da escolha dos alimentos para uma nutrição adequada e balanceada.

Receita Suco Verde

Ingredientes: 2 maçãs, 2 folhas de couve, ½ limão, 200 ml de água filtrada. Modo de preparo: lavar e cortar as maçãs retirando as sementes e colocar no liquidificador todos os ingredientes e bater bem até ficar um líquido homogêneo. Não há necessidade de peneirar, é só servir.

Referências bibliográficas

SMA Domene, C Rubim, T Anunciato, S Caivano. GUIA ALIMENTAR DIGITAL: UMA FERRAMENTA INOVADORA PARA PROMOVER ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL (disponível em: <http://www.nutrabem.unifesp.br>)

Equipe responsável

Lúcia Silva de Santana (Educação), Anna Cecília Gobbi e Claudia Muniz Magnani (Assessoria técnica/Saúde Urbana), Elizabeth Barbosa.

lucia.santana@fiocruz.br

Culinária infantil e aproveitamento integral dos alimentos

Objetivos

Exercitar o preparo de alimentos em grupo e valorizar a prática da culinária em família, compartilhando receitas e a experiência vivenciada pelas crianças; incentivar os cuidados com a higiene dos alimentos e a segurança na manipulação correta durante sua preparação; estimular uma reflexão sobre as práticas alimentares e costumes familiares, permitindo a formação pelas crianças de novos conceitos e afetos sobre legumes e verduras; estimular o consumo de mais alimentos *in natura* e destacar os benefícios de uma alimentação adequada e saudável, promovendo a descoberta de novos alimentos e valorizando a utilização integral dos mesmos.

Atividades realizadas

Após o acolhimento e acompanhamento das crianças para lavagem das mãos com água e sabão foram realizadas as seguintes atividades:

1ª Atividade: Culinária de *cupcake* de banana

As mediadoras auxiliaram as crianças na colocação de jaleco e touca descartável e orientaram para que sentassem em bancos ao redor de uma mesa previamente preparada com os ingredientes e os utensílios necessários para fazer esta receita. Após a distribuição e leitura da receita pelas crianças, começaram sua preparação seguindo o passo a passo, até o preenchimento das forminhas, que foram levadas ao forno para assar (sendo este manipulado apenas pelos mediadores por questão de segurança). Foi feito um levantamento prévio se alguma criança tinha alguma alergia ou intolerância alimentar, por exemplo, para uso de canela no *cupcake*. Todas as crianças ficaram muito animadas e expressaram querer participar da culinária em grupo, ajudando de alguma forma na preparação, segundo suas possibilidades, seja amassando a ba-



nana, acompanhando e falando os passos da receita, mexendo a mistura, abrindo e enchendo as forminhas com a quantidade adequada etc. Os *cupcakes* fizeram parte do lanche delas.

2ª Atividade: Conhecendo nossas práticas alimentares

As mediadoras acondicionaram legumes e verduras em caixas de papelão identificadas por etiquetas numeradas organizadas em uma mesa: **Legumes** (nº 1 a 24): batata asterix, batata doce, aipim ou macaxeira ou mandioca, batata-baroa ou mandioquinha, inhame, cará, abóbora ou jerimum, abobrinha, jiló, maxixe, vagem, berinjela, chuchu, cenoura, brócolis, couve-flor, repolho roxo, cebola, pimentão, pepino, tomate, nabo, beterraba e ervilha; **Verduras** (nº 25 a 31): bortalha, espinafre, hortelã, couve, nirá ou alho japonês, chicória e rúcula. Antes de iniciar a dinâmica, as mediadoras posicionaram as crianças formando um grande círculo para maior integração durante a atividade e cada criança sorteou um número de 1 a 31 seguindo a ordem no círculo. A caixa com o número sorteado foi entregue a cada criança por vez. O desafio consistia em dizer o nome correto do legume ou verdura. Observou-se que o conhecimento da maioria sobre os nomes dos legumes e verduras era ótimo e todas participaram da atividade com interesse. Em seguida, foram convidadas a participar do “comidograma”: as mediadoras colocaram o quadro “comidograma” na parede e, após a entrega de um papel com o nome do legume ou verdura sorteado, cada uma tinha que escolher uma entre três opções (como e gosto, como e não gosto, e nunca comi) para representar sua experiência em relação ao alimento. Após escolher a resposta, a criança colava o papel no campo adequado do quadro “comidograma”. O resultado obtido revelou: Como e não gosto (quiabo, pimentão, berinjela e chuchu); nunca comi (nabo, batata baroa, bortalha, jiló, cará, espinafre e nirá); como e gosto (os demais que estavam nas caixas). No final, as crianças ficaram muito animadas de poder levar para casa os legumes e verduras sorteados para preparar e experimentá-los com suas famílias.

3ª Atividade: Análise sensorial de alimentos

As mediadoras prepararam previamente quatro alimentos conhecidos das crianças, com ingredientes diferentes e mais saudáveis:

- 1) biscoito amanteigado da casca da tangerina;
- 2) palha italiana de biomassa de banana e da casca da banana;
- 3) brigadeiro de biomassa de banana;
- 4) pasta salgada de inhame e ervas.

Antes de iniciar a dinâmica, as crianças foram organizadas em um grande círculo e as mediadoras explicaram o que era análise sensorial dos alimentos. Cada criança foi convidada a participar da degustação de cada um dos quatro alimentos, enquanto as mediadoras faziam perguntas sobre quais os ingredientes principais utilizados no preparo de cada alimento, quais os sabores característicos, e se gostaram ou não. Foi explicado que esses ingredientes são fontes de fibras e nutrientes, quais os benefícios que trazem à saúde e que a prática do aproveitamento integral dos alimentos também evita o desperdício (no caso dos alimentos nº1, nº2 e nº4). Algumas crianças já conheciam análise sensorial e para outras foi a primeira vez. Descobriram que o biscoito amanteigado era de tangerina, só não sabiam que foram feitos de sua casca; disseram que a palha italiana foi feita de banana, mas não conheciam a biomassa, e foi explicado como preparar e o aproveitamento total desta fruta; acertaram que a pasta salgada era feita de inhame e foi informado que também continha ervas e seus talos. As crianças foram receptivas e degustaram os quatro alimentos. Porém, em relação ao brigadeiro, a preferência ainda era pelo tradicional. Elas puderam levar as receitas para estimular sua preparação em família. Foi possível perceber que as crianças têm muito interesse pelo tema e podem contribuir para mudanças de hábitos, isto é, para estimular o consumo de alimentos mais saudáveis por toda a família.

Referências bibliográficas

- Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Guia Alimentar para a População Brasileira. 2ª. ed. Brasília, 2014. 156 p.
- Brasil. Ministério da Saúde. Caderno de Atividades: Promoção da Alimentação Adequada e Saudável: Educação Infantil/ Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Brasília, 2018. 92 p.
- Brasil. Ministério da Saúde. Caderno de atividades: Promoção da Alimentação Adequada e Saudável: Ensino Fundamental I /Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Brasília, 2018. 128 p.

Equipe responsável

Stella Martins (Equipe Educação) e Carla Loureiro
stella.martins@fiocruz.br



De onde vem a minha comida?

Do quintal à feira. Agroecologia, agricultura urbana, soberania e segurança alimentar e nutricional.

Objetivo

Estimular as crianças a refletirem sobre o alimento, a diversidade de gostos e que o gostoso nem sempre é saudável. E sobre a origem e a qualidade dos alimentos, permitindo um aprendizado prático sobre agroecologia e agricultura urbana.

Atividades realizadas

No ano de 2018 foram realizados dois dias de oficinas. No primeiro dia, as crianças foram convidadas a sentar em círculo, dizerem seus nomes e a comida que mais gostavam e, em seguida, desenhá-la. Os mediadores apresentaram o grão do café em suas diferentes fases, do grão verde até o café processado, promovendo uma reflexão sobre os processos que os alimentos passam até chegar em cada casa e serem consumidos. Houve exibição do vídeo Comida que alimenta, um curta-metragem produzido pelo **Centro de Desenvolvimento Agroecológico**. O filme mostra o trajeto que o alimento produzido pela agricultura familiar percorre do campo até as feiras orgânicas e agroecológicas nas cidades, trazendo conceitos de alimentação e produção saudável e sustentável e sua relação com o modelo da cadeia de produção convencional, explicitando o trabalho cooperativo feito por produtores para que o alimento saudável chegue à mesa do consumidor e às escolas.

Foi promovida uma roda de conversa com as crianças sobre o vídeo e uma experiência sensorial, manuseando sementes e mudas com os olhos vendados para que pudessem se guiar apenas pelo tato e olfato. No segundo dia, as crianças acompanhadas dos mediadores fizeram uma pequena caminhada até um quintal produtivo que integra um projeto da FMA. Elas conheceram e conversaram com uma das agricultoras e aprenderam, na prática, como é feito o manejo agroecológico e o cuidado com o solo, como as verduras e legumes são produzidos e quais caminhos precisam ser percorridos para o alimento



sair da área de produção até as nossas casas. A agricultora **Rita** fez uma maquete do seu quintal produtivo, mostrando a casa e sua produção, e pôde trabalhar com as crianças o tema da agroecologia. Finalmente, foi realizada uma feira de degustação de alimentos das hortas e a distribuição de algumas mudas.

Em 2019 foram realizadas oficinas sobre agroecologia durante dois dias. A primeira, **O que é Bom e o que faz Bem**, começou com o convite às crianças para sentarem em círculo. Cada uma recebeu uma folha de papel e lápis de cor. As mediadoras pediram que dobrassem a folha em duas partes iguais e de um lado desenhassem um alimento preferido, e do outro, um alimento considerado bom para a saúde. A garotada foi estimulada a expressar suas experiências alimentares a partir de algumas perguntas feitas pelas mediadoras: **Quem não come carne? Quem gosta de verduras? Quem come batata frita? Quem gosta de doce?**

A conversa, a partir da escuta atenta das respostas, abordou suas preferências alimentares, o que achavam bom e o que comiam porque sabiam que fazia bem. Após o lanche, as crianças foram convidadas a sentar em roda para melhor escuta e interação entre todos e assistir ao pequeno vídeo Comida que alimenta. Em seguida as mediadoras apresentaram e conversaram sobre os diferentes formatos que um alimento pode ter: a espiga de milho representando o alimento in natura, o milho enlatado representando o milho minimamente processado e o biscoito representando o milho ultraprocessado. A atividade seguinte envolveu um momento de degustação de frutas não convencionais como caju, carambola, **nêspera** e pitaya. Depois de prová-las responderam a questões como: **Quem conhece? Já comeram? Como comeriam? Gostaram?** As crianças puderam, livremente, cheirar, tocar, provar as frutas e falar sobre o sabor de cada uma delas. As mediadoras explicaram a origem dessas frutas, o trajeto que elas percorrem e que tipos de processamentos poderiam ser feitos com aquele alimento para o consumo.

No segundo dia de oficina, denominada *Do quintal à mesa: Troquinha agroecológica*, as mediadoras coletaram, previamente, uma muda de bananeira, um cacho de banana verde, uma penca de bananas maduras e um coração de bananeira e organizaram na sala sobre uma lona de plástico. A atividade começou com uma roda de lembranças sobre o dia anterior. As crianças foram então convidadas a observar as fases de desenvolvimento da bananeira e as fases de maturação da banana. Para trabalhar a experiência sensorial, elas



foram estimuladas a sentir o cheiro da banana verde e comparar com o cheiro da banana madura, e, em seguida degustaram a fruta. Neste momento, as mediadoras trabalharam a relação do alimento com a prática da alimentação saudável e a valorização das pessoas que cuidam da produção agroecológica. As crianças seguiram observando, cheirando e tocando outras plantas, sementes e raízes, reconhecendo e conhecendo alimentos presentes na sua alimentação diária.

O Clubinho da Mata é realizado em um território onde a produção agrícola para consumo próprio e troca entre vizinhos é presente. A segunda etapa do trabalho com as crianças envolveu o plantio de mudas de couve ou coentrão, e a semeadura de feijão guandu, coentrão e alfavaca. Para isto, as mediadoras reutilizaram rolinhos de papel higiênico de papelão da seguinte forma: alguns preenchidos totalmente com terra adubada para as crianças colocarem as sementes; outros parcialmente preenchidos para colocarem as mudinhas e completarem com terra; e uns vazios para que fizessem todo o processo sozinhas. Elas foram estimuladas a semear e plantar nos rolinhos de papel higiênico e depois regá-los. Nessa etapa, um menino de 10 anos reconheceu diversas plantas e práticas agrícolas. Ele contou que sua avó tinha plantas em casa e que muitas eram “de comer”. Quando os mediadores notaram que uma das crianças já dominava a prática de plantio e cultivo demonstrada, fizeram o convite para que fosse o monitor da oficina, auxiliando seus colegas, dando liberdade e espaço para desenvolver sua liderança e valorizando o conhecimento adquirido a partir de sua vivência.

A terceira etapa consistiu num encontro de trocas, explicitando a importância da doação e da troca de sementes e mudas para garantir a agrobiodiversidade, a coletividade e a soberania alimentar: a “Troquinha Agroecológica”. Expor o trajeto que o alimento percorre estimula distintas percepções: o cuidado que se deve ter com a terra e a alimentação; a valorização das pessoas que produzem alimentos de qualidade e que protegem e cuidam de todo um agroecossistema; a compreensão de que um alimento saudável é aquele livre de agrotóxicos, sem trabalho escravo, e com preço acessível para garantir a segurança alimentar e sustento das populações e territórios. Ao final da atividade cada criança levou mudas ou sementes a mais para doar a um vizinho.

Endereço eletrônico do vídeo

www.centrosabia.org.br/video/comida-que-alimenta

Equipe responsável

Brenda Azevedo, Rita Maria Barbosa, Robson Patrocínio, Valdirene Militão, Priscilla Pedrette e as agricultoras Fátima Maria Leandro da Silva - quintal produtivo visitado, mudas, sementes e plantas - e Aldacir Amário dos Santos - mudas, sementes e plantas (Equipe Soberania e segurança alimentar e nutricional e agricultoras dos Quintais Produtivos da Colônia)
valdirene.militao@fiocruz.br e brenda.fonseca@fiocruz.br

Casa Saudável/Cidade Saudável

Educação socioespacial para reconhecimento do espaço vivido



Ilustração: Anna cecília Gobbi

No período 2018 /2019 realizaram-se seis oficinas sob a temática Casa saudável/Cidade Saudável por meio de atividades lúdico-educativas que se desenvolveram tendo os seguintes objetivos:

1. Oferecer atividades com reflexão crítica sobre os problemas socioespaciais e ambientais e de saúde presentes no cotidiano das crianças, portanto, no espaço vivido e percebido, visando à

construção conjunta de conhecimentos e atitudes voltadas para uma vida saudável e sustentável;

2. Realizar atividades lúdico-educativas e rodas de conversa sobre a escolha de uma vida mais saudável e a necessária participação social (segundo a faixa etária, escolaridade etc.), tendo em vista uma cidade mais justa e solidária;
3. Desenvolver atividades em lugares diferentes, apropriando-se da abordagem construtivista que assinala a importância da troca de ambientes (dentro e fora de sala, ou seja, em áreas fechadas, em lugares abertos cobertos e junto à natureza). As temáticas selecionadas, de modo geral, abarcaram a relação entre saúde e cuidado com o corpo, a casa, o quintal, a cidade e a natureza / ambiente. Nesse intuito, buscou-se desenvolver o reconhecimento do espaço vivido e percebido, a compreensão de espaço construído e 'natural', incluindo-se questões sobre habitação e serviços públicos como coleta de lixo, saneamento básico, luz elétrica, telefonia etc., necessários para o funcionamento da casa. No ano de 2018 foram realizadas quatro oficinas em sequência abordando diferentes aspectos deste tema e no ano de 2019 realizaram-se duas oficinas.

Referências bibliográficas

ANTUNES, A. Vídeo A Nossa Casa. Compositores: Arnaldo Antunes/Alice Ruiz/Paulo Tatit/João Bandeira/Celeste Moreau Antunes/Edith Derdik/Sueli Galdino. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=E05F80MgopQ>.

COHEN, S. C.; SILVEIRA, C. B.; Potengy, G. F.; PELLEGRINI, B.. Projeto Uma Proposta de habitat Saudável em comunidade vizinha ao Campus Fiocruz Mata Atlântica. Relatório Final. Rio de Janeiro: Fiocruz, Edital PDTSP 01/2007.

HUNDERTWASSER Brasil: Itinerário de uma pesquisa. Disponível em: <https://hundertwasser-brasil.wordpress.com/2012/01/09/a-beleza-das-cinco-peles>. Acesso em 18 abr. de 2018.

Hundertwasser, o Pintor Rei das Cinco Peles. Disponível em: <http://arteref.com/artista-da-semana/hundertwasser-o-pintor-rei-das-cinco-peles-2>. Acesso em 18 abr. de 2018.

SANTOS, Milton. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 1999.

SILVEIRA, Carmen Beatriz; OLIVEIRA, Ana Beatriz Melo S.; MAGNANI, Claudia Muniz Moreira (Org). Almanaque Saúde e Cidade: edição Jacarepaguá. Rio de Janeiro: Fiocruz/Programa de Desenvolvimento do Campus Fiocruz Mata Atlântica, 2013.

SILVEIRA, C. B.; COHEN, S. C.; PELLEGRINI, B.; SOUZA, M. D.; OLIVEIRA, A. B.M. Em Busca da Qualidade de Vida: metodologia e indicadores para intervenções socioespaciais. In: SILVEIRA, Carmen Beatriz; FERNANDES, Tania Maria; PELLEGRINI, Barbara (Org). Cidades Saudáveis? Alguns olhares sobre o tema. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2014.

TAG:TEORIA DAS CINCO PELES. Disponível em: <https://oprofessorweb.wordpress.com/tag/teoria-das-cinco-peles>. Acesso em 18 abr. de 2018.

TAMAI, Sidney (USP/FAU); TERRA, Ulisses Demarchi Silva (Univ. Estadual Campinas). Intervenções como crítica Urbana. Ação do corpo-superfície alterando o espaço público. Trabalho apresentado no II Seminário Arte & Cidade - arteecidade.ufba.br, 2008. Grande Dicionário Houaiss. Disponível em: https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v5-4/html/index.php#1.

Houaiss - Dicionário Online de Português. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/houaiss>
Dicionário inFormal: Dicionário Online. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br>

Equipe responsável

Carmen Beatriz Silveira (2018 e 2019), Claudia Muniz Moreira Magnani (2018 e 2019), Anna Cecília Gobbi (2018) - Assessoria técnica/Saúde Urbana. carmen.silveira@fiocruz.br e claudia.muniz@fiocruz.br



Teoria das cinco peles¹³

1ª oficina As cinco casas

Objetivo

Promover uma breve reflexão sobre o espaço vivido e percebido, abrangendo a ideia de casa nas diferentes dimensões que envolvem as condições de qualidade de vida e sua relação com a saúde. Esta oficina fundamentou-se na a teoria das cinco peles do arquiteto e artista Friedensreich Hundertwasser, por meio de uma reapropriação da visão do autor, compreendendo-se as cinco peles como cinco casas, assim nomeadas: 1ª Corpo/barriga de Mãe grávida; 2ª Roupas/Vestuário em geral; 3ª Casa/Moradia; 4ª Identidade/Grupo Social, 5ª Cidade /Natureza.

Atividades realizadas

Inicialmente, as mediadoras apresentaram o significado das Cinco Casas, abordando desde a primeira casa – o corpo humano (nosso corpo); passando pelo abrigo do corpo (vestimentas); pela casa em que vivemos e nos abrigamos (diferentes tipologias habitacionais, humanas e de animais); incluindo, também, a identidade de grupos sociais e a proteção vivenciada no ambiente familiar e de amigos; bem como a dimensão mais ampla que envolve a cidade em que vivemos e a natureza que existe nela e no planeta Terra. Em seguida, estimularam uma conversa com as crianças sobre as diferentes palavras referentes à ideia de “casa”, como habitação, residência, moradia, morada, lar/lareira/fogo, domicílio, teto, abrigo, ninho, casa/casaco, abordando os significados possíveis segundo a etimologia da palavra e a experiência vivida de cada um. As crianças foram então convidadas a elaborar elementos em uma maquete para representar as Cinco Peles/Casas sobre uma base em papel “Paraná” no chão da sala, coberta com papel sulfite 75g/mm³ de cor branca, com o desenho de cinco círculos concêntricos. Para essa tarefa, foram organizados grupos de quatro a seis crianças e cada grupo escolheu uma das “casas” para preparar o material

13. <https://trilhas.diogenesjunior.com.br/as-cinco-peles-de-hundertwasser-aae3dcdf6808> acesso em 18/04/2018

referente ao tema específico a ser representado na maquete. As mediadoras orientaram a atividade que envolvia a seleção e recorte de imagens variadas (fotografias impressas ou de revistas) sobre as Cinco Casas. Cada grupo colou as imagens escolhidas sobre a base de papel “Paraná” nos círculos correspondentes às respectivas casas e o trabalho finalizou com a Exposição da Maquete e a apresentação da mesma por seus “autores”, por meio de palavras ou dinâmica gestual.

2ª oficina

Ver e olhar, ouvir e escutar

Objetivo

Desenvolver o reconhecimento do espaço vivido e percebido por meio da observação das diferenças entre ‘ver e olhar’ (considerando ‘ver’ como o sentido mais superficial da visão e ‘olhar’ como a observação mais atenta de algo); e entre ‘ouvir’ e ‘escutar’ (considerando ‘ouvir’ como a percepção de um som como ato involuntário da audição, e ‘escutar’ como ouvir com atenção, estar consciente do que se está ouvindo). A proposta fundamentou-se na concepção de ‘tempos rápidos’, ‘tempos lentos’ e da força do ‘homem lento’ elaborada pelo geógrafo **Milton Santos** e em exercícios realizados nas oficinas de Educação Socioespacial realizadas nas Escolas públicas municipais **Eunice Weaver** e **Barão da Taquara**, no período de 2012 e 2014.



Exercício ver e olhar. Ilustração: Anna cecília Gobbi

Atividades realizadas

No ‘Exercício ver e olhar’, as mediadoras estimularam uma troca de ideias com as crianças sobre o ‘espaço vivido e percebido’ dentro de sala, enfatizando o significado do espaço com seus objetos e a possibilidade de percepção do mesmo em diferentes velocidades de observação. Na sequência foi proposto um exercício prático no pátio coberto do *campus* Fiocruz Mata Atlântica, onde haviam sido previamente instalados varais com diferentes imagens – fotos ou gravuras – penduradas, referentes aos temas abordados na oficina sobre as Cinco Casas. Neste cenário, as crianças foram convidadas a caminhar ao longo dos varais, primeiro em passadas rápidas, depois, mais lentamente. Após cada uma das caminhadas, as crianças comentavam o

que haviam observado. A percepção do espaço mediante as técnicas do tempo rápido e do tempo lento permitiu a distinção de diferenças entre 'ver' e 'olhar' em seus aspectos emocionais e racionais. Para finalizar, cada criança escolheu uma ou duas imagens por cada criança, e foi estimulada a expressar suas percepções e sentimentos: ao passar correndo pelas fotos e gravuras não fixavam o olhar para registrá-las na memória, ao passo que, na caminhada lenta, assimilavam os conteúdos vistos e podiam sentir emoções.

Em seguida, as crianças foram organizadas em um semicírculo e receberam folhas de papel A4 com representações de emojis que motivavam diferentes emoções. As mediadoras, então, orientaram que elas escolhessem "emojis" que pudessem expressar a emoção suscitada nas imagens escolhidas e retiradas do varal (ilustrações de tipologias habitacionais e de diferentes cidades ou trechos de cidades, assim como elementos da natureza, seja animal ou vegetal ou edificações). Os mais desvoltos fizeram comentários sobre as imagens que escolheram e seus sentimentos: um pássaro grande para "representar a liberdade que a criança gostaria de ter" com emoji alegre; ou uma montanha cheia de vegetação que transmitia "muita calma"; ou uma casa maravilhosa que seria o "sonho do lugar de moradia"; ou até a escolha de um animal estranho para sinalizar a diferença; e a imagem de moradores de rua, que despertou tristeza por aquela condição de vida. A segunda parte do 'Exercício ver e olhar, ouvir e escutar' ocorreu em uma caminhada nos arredores do Pavilhão Agrícola do campus, na parte inicial de uma pequena trilha de acesso rodeada de vegetação. Nessa atividade, as crianças identificaram aspectos da relação entre o espaço construído (edificação) e a natureza (Mata Atlântica). As mediadoras contaram com a participação de Juliana Maia e Samuel Pereira na orientação sobre a percepção da natureza em suas diferentes espécies de vegetação, pássaros, borboletas etc., mediante o exercício 'ver e olhar, ouvir e escutar', acrescido de outros sentidos como o olfato, em meio à natureza viva, com seus sons, cores, formas, cheiros e movimentos. No retorno dessa caminhada, fez-se uma última troca de percepções, sentimentos e emoções.



3ª oficina

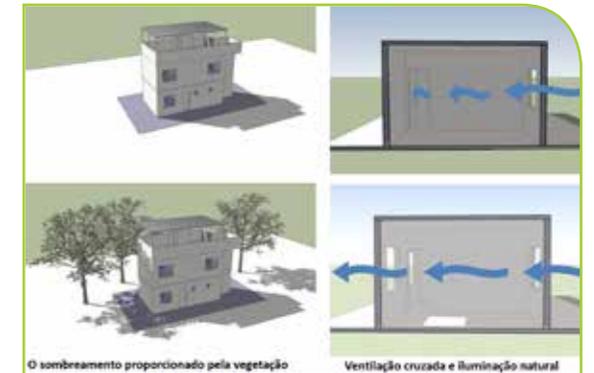
Casa saudável, cidade saudável. relação do espaço com a saúde

Objetivos

Sensibilizar as crianças sobre as diferentes ideias e tipos de casa, a visão de casa saudável e casa construída, enfocando a proposta de uma Casa Saudável no contexto da cidade em que vivemos; estimular a compreensão sobre as possibilidades de pensar mudanças para melhorar as nossas casas, por meio atividades que envolvem estudos, brincadeiras e criações artísticas. Esta oficina teve como referência os Indicadores de Vulnerabilidade Física das Habitações, sistematizados no Projeto "Uma Proposta de Hábital Saudável em Comunidade Vizinha ao Campus Fiocruz Mata Atlântica" bem como o do vídeo e texto "Intervenções como crítica urbana. Ação do corpo-superfície alterando o espaço público".

Atividades realizadas

Após revisitar os conteúdos trabalhados nas oficinas anteriores foi apresentado o vídeo *A Nossa Casa*, do compositor **Arnaldo Antunes**, seguido de uma conversa com as crianças sobre os diferentes tipos de casas, perguntando: o que vocês 'escutaram' e 'olharam'? O vídeo mostrava diferentes construções, umas mais bem acabadas e outras precárias (construídas em palafitas para evitar inundações, situações de esgoto a céu aberto, etc.) e focalizando uma pequena casa expressava, de maneira poética, o sentido do pertencimento e a alegria das pessoas sobre seu lugar de moradia. Com base nesse exemplo de uma casa muito simples de pessoas com poucos recursos houve uma troca de ideias sobre os usos daquela casa e, em seguida, foi proposto um exercício para trabalhar os Indicadores de Vulnerabilidade Física das Habitações, que passamos a nomear como Indicadores de Habitação Saudável. Para isso, as mediadoras realizaram uma apresentação usando powerpoint, boa iluminação e ventilação; ausência de umidade e mofo; ausência de adensamento domiciliar;



Exemplo de indicador de habitação saudável: conforto proporcionado pela vegetação e iluminação e ventilação naturais (imagens extraídas da apresentação sobre Indicadores de habitação saudável)



Exercícios indicadores de habitação saudável
Ilustração: Anna cecília Gobbi



além de cuidados com a casa, como a limpeza de recipientes de lixo. Destacaram que a vegetação no terreno ao redor da casa pode auxiliar no conforto térmico, criando áreas de sombra que refrescam o espaço externo e as paredes, reduzindo os gastos com energia elétrica (ao reduzir o uso de luz artificial durante o dia, de ventilador e ar condicionado). Ressaltaram ainda que: mesmo que várias casas não tenham essas características, ter as informações necessárias ajuda a buscar, na medida do possível, soluções de reformas de melhoria, que se refletem na saúde de seus moradores. Por meio das ideias acima expostas e dos aspectos subjetivos do 'ser' ou 'viver' saudável foi realizada uma troca com as crianças sobre o significado de uma vida saudável.

Na última atividade, desenvolveu-se um trabalho de expressão teatral. De forma lúdica e descontraída, as crianças 'construíram' as formas de uma casa – paredes, chão, teto, muro do terreno com seis pedaços de tecido coloridos (faixas de 1,40 m x 0,80 m); ou seja, 'com a mão na massa' fizeram uma casa imaginária com pedaços de tecido. Em razão das diferenças de idade e tamanho, os pequenos seguraram os panos próximos ao chão, enquanto

os maiores ficaram em pé, sustentando as partes superiores das paredes e o teto. Depois, os menores entraram na 'casa', enquanto os maiores a modelavam, com paredes, teto, além de janelas abertas e fechadas e portas por meio de movimentos de abrir e fechar os panos. O resultado da atividade foi criativo e estimulante, com as crianças adaptando a proposta de forma lúdica ao interagir com as mediadoras, e revelou potencial para auxiliar na observação de diferentes condições dos espaços de uma casa: espaços abertos e fechados; abafados e ventilados; acolhedores e sufocantes; cheios de pessoas/adensados; emoldurados/cobertos e abertos. Constituiu-se, assim, em sensibilização sobre a função dos Indicadores de Habitação Saudável e sobre conforto ambiental.

Endereço eletrônico do vídeo

<https://www.youtube.com/watch?v=E05F80MgopQ>

4ª oficina

Infraestrutura urbana e caminhos da cidade

Objetivo

Abordar a infraestrutura urbana necessária para o funcionamento de uma casa e perceber os caminhos no desenho de uma pequena e imaginária cidade. A referência desta oficina foi o *Almanaque Saúde e Cidade: Edição Jacarepaguá*, no que se refere à infraestrutura urbana. Também fundamentou-se no desenho de uma cidade na forma de um labirinto, elaborado pelo artista plástico **Lin Lima**, como um desdobramento do referido Almanaque.

Atividades realizadas

A oficina iniciou com uma troca de ideias com as crianças sobre a forma de uma casa, seus diferentes compartimentos e usos e também sobre o que cada pessoa faz numa casa desde o momento que acorda até a hora de dormir. Cada criança pôde se expressar e, com suas lembranças ou imaginação, relatar um conjunto de ações cotidianas assim sintetizadas: "eu acordo e vou no banheiro, lavo as mãos e escovo os dentes; depois, sento para tomar café, passo a roupa para ir à escola; volto da escola depois do almoço e vejo televisão para descansar; sento para fazer o dever de casa e ligo o computador; faço o lanche e assisto televisão ou brinco com meus amigos; enfim, tomo banho, janto, acendo a luz para estudar com meus pais e vou dormir, com ventilador ligado ou ar condicionado" (resumo com as informações trazidas pelas crianças). As mediadoras então perguntaram: quando acendemos a luz, abrimos uma torneira, ligamos a televisão etc., sabemos como tudo isso funciona? É por meio de magia? Então, como se explica? A conversa prosseguiu, e em seguida apresentou-se o desenho de uma casa e suas relações com a cidade por meio das infraestruturas urbanas. Foram distribuídas folhas impressas, em papel A4, contendo o desenho da casa



A casa e exemplos de serviços públicos (desenho extraído do Almanaque Saúde e Cidade: Edição Jacarepaguá, 2013).



Exercício Maquete Viva. Ilustração: Anna cecília Gobbi

com a representação das ligações dos serviços públicos urbanos (que deveriam existir para todos): instalações de canalização de água, de esgoto, de energia elétrica, telefone, gás etc.

Em seguida foi proposta a montagem de uma “maquete viva”, baseada nas atividades que as crianças realizavam diariamente. As mediadoras destacaram a

energia elétrica necessária para a utilização dos equipamentos domésticos, elétricos e eletrônicos; a água para várias atividades (banho, limpeza, lavar louça, fazer comida etc.). Em seguida, as crianças se organizaram em dois grupos para simbolizar as relações da casa com a infraestrutura urbana. Foram distribuídas outras folhas de papel A4 com desenhos de serviços e equipamentos domésticos e depois da escolha de um dos desenhos por cada participante, os dois grupos de crianças se uniram, de mãos dadas, com as mediadoras e convidados, demonstrando, assim, a “maquete viva” com representação das ligações da casa com a infraestrutura necessária ao seu funcionamento. Para a compreensão de

uma escala mais abrangente do espaço da cidade (o reconhecimento do espaço vivido - a casa, a escola, a cidade e a saúde) foi utilizado o desenho de uma cidade imaginária, na forma de um labirinto, denominado “Caminhos na Cidade” que permitiu a observação de diferentes ambientes construídos. O labirinto (desenho impresso em folhas de papel A3) foi distribuído para as crianças identificarem nos caminhos alguns pontos importantes de seu cotidiano por meio de duas perguntas: O que eu costumo observar no trajeto casa-escola? Quais são os lugares significativos nesse trecho da cidade? Com isso, as crianças perceberam a praça, o hospital, a igreja, a escola, o teatro, o cinema, a caixa d’água, o mercado, a farmácia, o estacionamento etc. Uma das crianças inclusive chamou atenção para falta de carros e ônibus no desenho - um tema importante que envolve o transporte público e privado que poderia ser objeto de outra oficina, conforme explicaram as mediadoras.



Labirinto Caminhos na Cidade, elaborado por Lin Lima.
Imagem extraída de Almanaque Saúde e Cidade: Edição Jacarepaguá, 2013.

Ao final as crianças receberam folhas de papel A3 para desenhar um labirinto imaginário, com o auxílio das mediadoras e, em especial do artista plástico Lin Lima. Destacaram-se um labirinto de flores; outro em forma de gruta com apenas uma saída; um labirinto de casas e outro numa praça de diversão.

5ª e 6ª oficina

Casa saudável e reconhecimento da cidade

Objetivos

Promover uma reflexão sobre o espaço vivido e percebido, abrangendo questões socio-espaciais, ambientais e de saúde no território; discutir o que é uma casa saudável e seus arredores, visando construir conhecimentos e atitudes voltadas para a melhoria da qualidade de vida; sensibilizar as crianças para o reconhecimento da cidade em saídas externas e em um mapa geográfico.

Atividades realizadas

Foram realizadas duas oficinas sobre este tema, em 2019. A primeira iniciou com uma conversa com as crianças sobre a ideia de casa, suas múltiplas denominações e usos, além das características básicas para uma habitação ser considerada saudável. Foi utilizado um vídeo com demonstração didática sobre a utilização da técnica de origami para 'construir' uma casa usando folhas de papel A4. Para isso, as mediadoras organizaram as crianças em grupos de quatro, sentadas ao redor de pequenas mesas, para trabalhar a compreensão do espaço tridimensional, a concentração e a criatividade. O resultado foi a elaboração de uma pequena casa em três dimensões utilizando formas geométricas simples (quadrado, retângulo e triângulo).

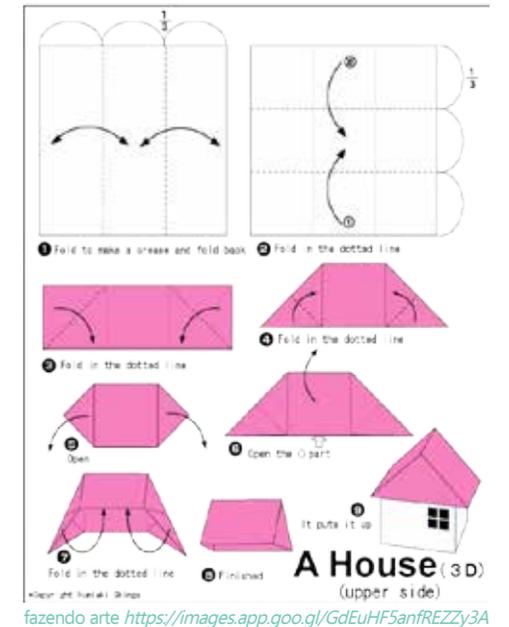
Associada a essa oficina foram realizadas duas saídas externas de ônibus com as crianças e seus responsáveis saindo do *campus* Fiocruz Mata Atlântica: uma até o *campus* Fiocruz Manginhos (visita guiada ao Museu da Vida e Castelo da Fiocruz) e outra ao **Centro Esportivo Miécimo da Silva** em Campo Grande (visita à *Semana Nacional de Ciência e Tecnologia da Zona Oeste - SNCTZO*). No ônibus, durante os trajetos, as mediadoras orientaram as crianças e seus responsáveis sobre a observação do espaço, destacando as características peculiares dos bairros, seus marcos simbólicos/históricos, aspectos significativos da estrutura viária, incluindo túneis e viadutos, além da natureza entremeadada no ambiente construído. Na segunda oficina, com base



nas observações feitas nessas saídas externas (reconhecimento da cidade), as crianças foram convidadas a perceber as diferenças entre a escala geográfica e a representação do espaço urbano em um grande mapa da cidade do Rio de Janeiro. Ao identificar o trajeto percorrido no mapa surgiram questões sobre o local de origem/fundação da cidade (centro histórico), o relevo (três maciços e morros em diferentes trechos), além da vegetação e do ambiente construído. As crianças foram então estimuladas a examinar algumas maquetes de casas, e as mediadoras mostraram a importância de a casa ser saudável com ventilação e iluminação adequadas. Em seguida, em grupos de quatro ou cinco, as crianças receberam uma folha de papel A4 com a cópia de um modelo de casa (uma base padrão), além de lápis coloridos para detalhamento dos compartimentos essenciais (cozinha, banheiro, sala e quartos) e inclusão de mobiliário. A proposta era a complementação do desenho de uma casa, podendo ser a sua ou outra imaginária ou de alguma pessoa conhecida, de acordo com a percepção e expressão de cada criança. Após a elaboração, cada um apresentou e comentou seu desenho: algumas incluíram vegetação, varanda ou garagem; outras desenharam o quarto de seus desejos - o cômodo da bailarina, do pintor, do cantor, do artista; também, representaram o carro na garagem. Assinala-se que a dimensão da cozinha revelou a importância de um ambiente de convívio prazeroso ao redor da mesa de refeição, como também a presença de um jardim florido e árvores frutíferas emoldurando a casa. O mobiliário e os equipamentos domésticos expressavam o gosto de cada membro da família e os equipamentos domésticos visando o conforto da moradia e o bem estar de todos. Ao final, os grupos realizaram várias trocas sobre as suas preferências em termos dos espaços de uma casa adequada.

Endereço eletrônico do vídeo

www.youtube.com/watch?v=VY0UapyRmWQ&feature=youtu.be



Saneamento básico

Tecnologias sociais para a promoção do tratamento dos efluentes domésticos, tratamento da água para consumo, compostagem e gestão de resíduos sólidos integram o trabalho realizado pelas equipes da Fiocruz Mata Atlântica no território.

Saneamento básico envolve o acesso à água; o tratamento do esgoto; o cuidado em produzir menos lixo, reaproveitando o que for possível, e que o lixo tenha o destino correto, nunca nos rios, ruas ou matas; o escoamento natural da água da chuva; e o armazenamento de água da chuva para usar onde for possível.

O saneamento não é responsabilidade apenas dos gestores públicos, arquitetos e engenheiros. É responsabilidade de toda a sociedade. Daí a importância deste tema ser trabalhado desde a infância, sensibilizando as famílias para todos se comprometerem na construção de um território saudável e sustentável.

Gotinhas no ambiente

Objetivo

Propiciar às crianças o despertar da consciência ecológica na proteção da água e do ambiente, trabalhando sua importância para a existência humana e como reciclar e economizar esse recurso natural.



Atividades realizadas

No ano de 2018 a oficina envolveu uma Gincana, para trazer maior dinâmica ao tema com o trabalho em equipes. As crianças foram divididas em dois grupos (Gotinha azul e Gotinha branca) que deviam fazer tarefas relacionadas ao tema. A primeira delas era elaborar e recitar uma frase rimada relacionada à água ou cantar uma música com o tema água (inventada ou não). A seguir, as crianças eram encaminhadas para a “Mesa de Percepção” na qual vivenciavam, pela observação, os tipos de água dispostos ali (garrafa com água turva; garrafa de água com cheiro; e garrafa com água límpida e inodora). Isto estimulava uma conversa com a mediadora sobre as qualidades da água: inodora (sem cheiro) e incolor (sem cor). O tema da

tarefa subsequente envolvia o ciclo da água. Após uma explicação sobre o ciclo de evaporação foram feitas perguntas sobre o reaproveitamento da água na natureza. O macro sistema foi apresentado em um painel impresso grande para melhor visualização. Para trabalhar a importância da preservação da água e demonstrar o sistema de reaproveitamento da água de evaporação no micro sistema foi construído um sistema de evaporação usando garrafas pet reutilizadas. Dessa forma, as crianças puderam observar como é possível aproveitar a água que condensa após a evaporação para ser consumida pela planta mais próxima no jardim de casa, em períodos de falta de chuva e/ou nas baixas dos reservatórios de água natural.

A tarefa seguinte envolveu um animado jogo de Economia coletiva para despertar um sentimento colaborativo. A mediadora contou a história de Dona Maria, que lava o uniforme de todas as crianças da escola local. Ela estava sem água na bica de casa para lavar a roupa, porque o cano arrebentou lá em cima, na cachoeira, e ela não podia ir até o local. Por isso, ela pediu ajuda a todas as crianças da vizinhança (que são os participantes). Cada equipe fez uma fila. No início desta tinha um balde com bolas de soprar com a metade de seu volume preenchido com água (sem estourar). E no final, um balde vazio. Quando foi dado o sinal para começar, o primeiro da fila passava a bola para o participante logo atrás de si até chegar ao último, que devia colocar a bola no balde. Após esse jogo, foi realizada a confecção de um modelo de filtração com material reaproveitado – um experimento simples que proporcionou a visualização da filtração como parte do tratamento da água. As crianças foram alertadas para não utilizar a água do experimento para consumo. As que desejaram puderam levar esse modelo para casa para mostrar para a família, além de um jogo impresso para marcar o certo e errado no consumo da água.

Em 2019, o tema foi trabalhado a partir de um desenho animado que apresentava as várias etapas de purificação da água. As personagens do vídeo eram uma gotinha de água e uma folha de árvore, que caíram num bueiro e no esgoto, e não sabiam para onde estavam indo. Nesta aventura, com a ajuda de outros personagens, conseguiram descobrir que seu destino era o sistema de tratamento de água e esgoto. E lá, começaram a enten-



Processo de evaporação solar da água (sistema micro).
<http://projetedossartesaos.blogspot.com/2015/02/sistema-de-gotejamento-solar-com.html>



<https://educador.brasilecola.uol.com.br/estrategias-ensino/filtro-agua.htm>

der por onde passa toda a água do ambiente (esgoto e água da chuva) - vários equipamentos e substâncias químicas - até voltar para o rio e a natureza. Após este cineminha, a mediadora convidou as crianças a participar da dinâmica da "Caixa Surpresa". Dentro de uma caixa de papelão foram colocados vários objetos representando uma função que correspondia a uma fase do tratamento da água: filtro de papel (função: filtrar resíduos finos), peneira pequena (função: filtrar resíduos mais grossos), garrafas pet com vários tipos de água - turva, com cheiro e incolor/inodora (função: reflexão sobre como a água deve sair do sistema de tratamento), figuras impressas (função: refletir sobre o consumo de água indicando as situações certas e erradas), espátula (função: mistura e agitação), detergente (função: desengordurar). Cada criança era então convidada a participar pegando um objeto dentro da caixa e respondendo a qual fase de tratamento da água a função daquele objeto poderia corresponder. E a oficina encerrou com uma atividade inteiramente lúdica, na qual cada criança tirava foto com fantasias escolhidas que foram disponibilizadas pelas mediadoras.

Endereço eletrônico do vídeo

<https://youtu.be/V8hZwx2Clg0>

Equipe responsável

Leila Bastos (Assessoria técnica/Saúde Urbana) e Mayra Riscado (Saúde Ambiental)

leila.martins@fiocruz.br

Para onde vai o esgoto da casa?

Objetivos

Estimular nas crianças a percepção do impacto gerado no ambiente pelos efluentes domésticos cotidianos, através de um melhor entendimento sobre como é gerado o esgoto em nossas casas; qual o percurso correto para este resíduo (da casa ao destino final adequado em um sistema de tratamento); e reconhecer os danos gerados quando são lançados indiscriminadamente no meio ambiente, poluindo o solo e as águas.

Atividades realizadas

Foram apresentados dois vídeos de curta metragem, *Turma da Clarinha e o Ciclo da Água*, produzidos pela *Companhia Operacional de Desenvolvimento, Saneamento e Ações Urbanas (Codau)*, de Uberaba, e *Aventuras de Leo e JuJu - 17 Saneamento*. O primeiro mostra

como a água se torna suja após atividades domésticas e se transforma em esgoto. O segundo tem fantoches como personagens que falam sobre como destinar corretamente o esgoto da casa em um tratamento unifamiliar (fossa séptica).

Após as exposições foram apresentadas algumas figuras/imagens com cenas cotidianas sobre a transformação da água limpa em efluente na cozinha, lavanderia, ao tomar banho, ao usar o banheiro, ao lavar as mãos e escovar os dentes, o despejo incorreto de materiais na privada e pia, o tratamento adequado para descarte de resíduos sólidos e óleo de cozinha usado etc. Durante a apresentação das figuras houve uma conversa sobre a realidade em vários locais da cidade para a destinação dos efluentes (quando tem ou não a rede coletora de esgoto): se vai para uma galeria, para canais, lagoas ou praias, enquanto o correto seria ir para uma estação de tratamento ou um tratamento no próprio quintal, com sistemas de alagado construído, fossa de bananeira e fossa séptica (fossa, filtro e sumidouro). Na dinâmica seguinte, o mediador desenhou no quadro branco a planta de uma casa, enfatizando o banheiro, a cozinha e a lavanderia (áreas molhadas). Na continuação, as crianças foram divididas em cinco grupos, responsáveis por representar, em cartolina, a divisão dos cômodos que produzem esgoto em suas casas. Foram distribuídas figuras impressas (aquelas que já tinham sido apresentadas no início da oficina) e outras para serem cortadas de revistas para colarem em uma cartolina - o que seria usado em cada cômodo, identificando o que deveria ou não ser direcionado para o esgoto. O resto de comida, o óleo usado, o papel higiênico usado deveriam ser encaminhados como? Lixo (resíduo sólido)? Reciclagem? Compostagem? Os mediadores então percorreram os grupos, e ajudaram na pesquisa de figuras, a cortar e colar imagens, e, por fim, conversaram com as crianças sobre o que foi produzido.

Em 2019, foram escolhidas atividades mais dinâmicas que envolvessem movimento e desafios para abordar o tema. Foi exibido o vídeo educativo sobre o tratamento da água já citado acima e, em seguida, as crianças foram convidadas a participar de uma gincana, sendo divididas em duas equipes para realizar três atividades:



1ª) Passe ou repasse

As equipes tinham que responder cerca de 15 perguntas sobre saneamento e pontuar em caso de resposta correta. As perguntas eram feitas pelos mediadores para ambos os grupos, alternado a prioridade de resposta entre eles. Quando o grupo com prioridade de resposta acertava, ganhava um ponto. Se o grupo com prioridade de resposta não soubesse responder, passava a vez para o outro grupo.

2ª) Caça figuras

Os mediadores fixaram nas paredes e pilares do pátio interno do campus Fiocruz Mata Atlântica figuras que ilustravam objetos de uma casa e resíduos presentes no seu cotidiano (as mesmas usadas no ano anterior). Em seguida, as equipes tinham que identificar e classificar os objetos ilustrados representados pelas figuras: “podem” ou “não devem” ser descartados nos aparelhos hidrossanitários (vaso sanitário, pia, chuveiro, tanque, máquinas de lavar etc.) das casas.

3ª) Corrida de obstáculos

Os mediadores montaram um circuito representando uma estação de tratamento de efluentes e sua continuação até a destinação adequada da água limpa. As duas equipes foram organizadas em fila. A primeira criança de cada equipe percorria as etapas do circuito do sistema de tratamento com uma bolinha de plástico pintada de preto (simbolizando o esgoto) e, ao final, encontrava um balde onde trocava a bolinha preta (suja) por uma bolinha azul (limpa), que representava a água limpa após o tratamento. Na sequência, cada criança da equipe tinha que percorrer um segundo trajeto, com a bolinha azul na mão até o local para disposição final adequada da bolinha azul. A equipe na qual todos os integrantes conseguissem percorrer todo o sistema até o destino final pontuava. Como a pontuação das três atividades era cumulativa, no estágio final, a equipe com mais pontos levava a medalha de ouro e o segundo lugar a medalha de prata. Vale destacar que as medalhas de papel impresso diferiam apenas na cor, e ambas vinham junto com um bombom e um chaveirinho com *emoji* de cocô de pano.

Endereço eletrônico dos vídeos

Turma da Clarinha e o Ciclo da Água: www.youtube.com/watch?v=RpuWT8fBxSI.

Aventuras de Leo e JuJu - 17 Saneamento: www.youtube.com/watch?v=T7LNex5N02I.

Equipe responsável

Marcos Filgueiras Jorge, Cláudia Muniz Magnani (Assessoria técnica/Saúde Urbana), Juliana

Dias Maia (Núcleo de Convívio) e Cláudio Proença.
marcos.jorge@fiocruz.br

Compostagem na garrafa pet

Objetivos

Apresentar e estimular a compostagem de resíduos orgânicos pelas famílias, gerando composto e chorume que pode ser utilizado para adubar plantios nos quintais ou em vasos de planta; e ampliar a percepção das crianças e suas famílias sobre as possibilidades de ação individual e coletiva que possam contribuir para a redução do volume de material orgânico que é descartado e se acumula nos lixões da cidade.

Atividades realizadas

O mediador preparou previamente o ambiente - um local aberto (pátio interno do campus Fiocruz Mata Atlântica), instalou uma mesa grande e garrafas *PET* vazias, previamente higienizadas, além de materiais complementares (tesouras, estiletes) e resíduos orgânicos (folhagens, poda de grama, gravetos e areia lavada). Foi solicitado aos responsáveis que armazenassem cascas de ovos, de legumes e frutas, borra de café e guardanapos usados na cozinha de casa durante alguns dias para trazer no dia desta oficina junto com duas garrafas *PET* vazias e higienizadas. Quando as crianças chegaram, participaram de uma dinâmica de apresentação rápida: o que cada uma tinha de conhecimento sobre o que é uma composteira. Depois foram convidadas a ficar no entorno da mesa para a apresentação da oficina.

O mediador então apresentou o processo de decomposição dos resíduos orgânicos e como fazer uma gestão sustentável desses resíduos em casa, por meio de uma mini-composteira doméstica confeccionada a partir de garrafas *PET*. Com base em um passo a passo, demonstrou como cortar as garrafas e montar a mini-composteira para servir como modelo. Cada criança recebeu duas garrafas *PET* e fez seu protótipo de compostagem em garrafa pet com o auxílio de mediadores: em uma garrafa apenas o bico foi cortado, sendo este descartado



e na outra garrafa foi descartado apenas o fundo. A parte de cima foi virada para dentro da outra parte e a tampinha foi furada em vários locais para permitir o escoamento do líquido (chorume) que ficará armazenado no fundo da garrafa. Antes de encaixar as duas partes foi destacada a importância de colocar areia lavada no reservatório do chorume para evitar o mau cheiro. As crianças foram então orientadas a colocar na parte de cima uma camada de folhas secas/gravetos/podas de grama alternando com uma camada de sobras de alimentos até finalizar com uma última camada de folhagens. Na continuidade do trabalho, umedeceram essas camadas com 200 ml de água, colocando uma proteção feita com um pedaço de meia de náilon/tecido com elástico/barbante para evitar insetos. Em cada composteira foi colada uma etiqueta com uma breve explicação sobre o que as crianças deveriam fazer em casa semanalmente para mantê-la: quantidade de água, quantidade de sobras de alimento ou resíduos orgânicos, quantos dias da semana fazer a alimentação da composteira etc. As crianças puderam levar para casa as composteiras que fizeram e foram orientadas que, após alguns meses, estes resíduos se transformariam em um composto orgânico, rico em nutrientes, para adubação de hortas ou pequenos jardins. Ao término da atividade, as crianças junto com os mediadores foram ao **Horto Escola** do campus para conhecer os sistemas de compostagem de cilindro e de pallet de madeira. Com isso, puderam comparar seus protótipos com sistemas maiores que trabalham com grandes volumes, percebendo que resíduos orgânicos, que seriam descartados no lixo, podem ser transformados num composto que enriquece o solo, hortas e jardins.

Equipe responsável

Paulo Monteiro (Núcleo de Convívio)

paulo.sales@fiocruz.br

Resíduos sólidos e os 3 R'S para crianças

Objetivo

Estimular a reflexão e a responsabilidade de cada um diante dos problemas socioambientais gerados pelo não reaproveitamento, reutilização e reciclagem de resíduos sólidos. Esta oficina tem o objetivo de contribuir para maior conscientização ambiental das crianças participantes e seus responsáveis sobre a importância dos 3R's numa sociedade em que o consumo de produtos industrializados é exacerbado.

Atividades realizadas

Os 3 R's (Reduzir, Reciclar e Reutilizar) foram trabalhados com as crianças a partir do vídeo *Um plano para salvar o planeta - Especial de férias 2011 Turma da Mônica*. Após a exibição, as crianças participaram das seguintes atividades:

- 1) Lançamento de argolas e pescaria de recicláveis**, que consistiram em mostrar a importância da seleção e classificação dos materiais (metal, vidro, papel e plástico) para a reciclagem. Ao final dessa classificação, as crianças depositaram os recicláveis selecionados nos respectivos coletores autoexplicativos confeccionados pela equipe do projeto **Coleta Seletiva** a partir do reuso de pneus e bambus (recurso renovável).
- 2) Oficina de reciclagem de papel** para as crianças aprenderem a confeccionar uma capa para personalizar um caderno, mostrando na prática o processo de reciclar.
- 3) Jogo lúdico, Trilha Ambiental Óleo**, disponibilizado no site da empresa Grande Rio Reciclagem Ambiental, para abordar o impacto do descarte incorreto do óleo de cozinha residual nas redes de esgoto e a importância de sua reciclagem para não contaminar o solo e as águas.
- 4) Oficina de brinquedos de sucata** onde foram apresentadas antigas brincadeiras com a confecção de brinquedos a partir da reutilização de materiais recicláveis previamente higienizados (latas de leite e garrafas PET). A partir de modelos apresentados pelos mediadores, cada criança escolheu um tipo de brinquedo para construir (pés de lata, bilboquê ou 'vai e vem').

A partir do relato das crianças sobre o tema foi possível perceber que a oficina contribuiu para ampliar sua reflexão sobre conhecimentos adquiridos no cotidiano escolar e convívio familiar.



Endereço eletrônico do vídeo

www.youtube.com/watch?v=L3zaoUaHJhQ.

Jogo disponível on-line: www.granderioambiental.com.br/infantil.asp.

Equipe responsável

João Souza de Oliveira, Mirian Rose Ayres Miranda Rebello, Josimarie Schuengue e Conceição, Rosangela Rodrigues dos Santos, Claudia Fatima Morais dos Santos Picanço

(Equipe Coleta Seletiva)

mirian.rebello@fiocruz.br

Fauna, flora e zoonoses

As oficinas da área de Saúde Ambiental da Fiocruz Mata Atlântica buscaram trabalhar a saúde e a qualidade de vida, abordando, de forma lúdica e adequada à faixa etária das crianças, temas relacionados às ações realizadas por esta equipe - composta por profissionais das ciências biológicas, medicina veterinária, engenharia florestal, geografia e gestão ambiental. A hipótese trabalhada na FMA é que a redução da diversidade biológica pode desencadear diversos efeitos no equilíbrio dos ecossistemas, favorecendo o risco de transmissão ou emergência de doenças infecciosas e parasitárias em humanos. As principais ações desenvolvidas são levantamento e monitoramento de potenciais hospedeiros (exemplo: mamíferos, aves, répteis, etc.), vetores (insetos), patógenos (bactérias, vírus e protozoários) e zoonoses circulantes em animais silvestres e domésticos no território (doenças que acometem animais e seres humanos); restauração ecológica; e conservação do remanescente de Mata Atlântica na região.

Os temas escolhidos para as oficinas foram: formação das florestas, solos e saúde ambiental, cuidados com a higiene pessoal, conservação da Mata Atlântica e Educação Ambiental. A oficina sobre formação das florestas procurou mostrar o papel desses ecossistemas para manutenção da biodiversidade, e os serviços por eles oferecidos, tais como a produção e o abastecimento de água para as grandes cidades. A oficina sobre os solos buscou explicar a importância desse componente para a ciclagem de nutrientes, a qualidade do ar e da água, sendo esses últimos importantes indicadores para as condições de saúde das populações. A oficina sobre cuidados pessoais de higiene buscou estimular melhores práticas de saúde no território. E a última oficina procurou reforçar conteúdos trabalhados nas oficinas anteriores, além de abordar a conservação do bioma Mata Atlântica e a educação ambiental. Neste grande tema foi incluída também uma oficina sobre arboviroses, desenvolvida pela pesquisadora **Nildimar Honório** e sua equipe do Instituto Oswaldo Cruz.

As oficinas procuraram aproximar as crianças de temas pertinentes ao campo da saúde ambiental, proposta curricular, dentro da área da saúde, dedicada ao estudo da relação entre os determinantes sociais e ambientais e o padrão de saúde de uma população; sem, contudo, esvaziar a complexidade e importância do tema.



Da cabeça aos pés: cuidando do corpo

Objetivo

Abordar as boas práticas diárias de higiene pessoal por meio de atividades lúdicas como canto, dança, brincadeiras e apresentação de pequenos vídeos educativos.

Atividades realizadas

A abertura da oficina se deu com a música *Cabeça, ombro, joelho e pé*, de **Xuxa**. A canção foi tocada ao violão por um dos colaboradores e cantada por todos, adultos e crianças.

Inicialmente, as mediadoras abordaram a limpeza das mãos, por meio de uma dinâmica na qual duas crianças, com os olhos vendados e um pouco de tinta guache nas mãos, foram orientadas a fazer como se estivessem lavando as mãos. As vendas foram removidas e as demais crianças convidadas a apontar onde, nas mãos, os colegas não haviam coberto com tinta (simulação de um sabão líquido). Terminada a dinâmica, foi demonstrado como fazer a limpeza completa e correta das mãos; em seguida, houve a reprodução de dois vídeos: Por que precisa lavar as mãos? e Super-Sabão: Lavar frutas, verduras e legumes. Esta primeira

parte foi encerrada cantando a música *Lavar as mãos*, de **Arnaldo Antunes**, também com acompanhamento de violão ao vivo.

No segundo momento tratou-se da higiene do corpo e dos dentes. As crianças foram incentivadas a demonstrar como tomavam banho, enquanto era indicado, de forma bem humorada, erros e acertos; depois de cantar juntos a música *Tchibum: da cabeça ao bumbum*, do **Palavra Cantada**, para tratar da higiene dos dentes, um macro modelo de resina que reproduzia a evolução da cárie nos dentes circulou entre as crianças – com certeza a hora de maior curiosidade! – também servindo para demonstrar o método correto de escovação. Para sistematizar os assuntos abordados foi realizada uma dinâmica inspirada na brincadeira “vivo e morto”: quando um hábito positivo era dito, as crianças deviam ficar de pé; e quando era um hábito negativo, elas tinham que se agachar. Na segunda parte da oficina foram projetadas imagens de animais parasitas que costumam infestar/infetar crianças, como piolho, carrapato, pulga, tunga (bicho do pé), bicho geográfico e tênia – esse foi outro mo-



mento de muita participação das crianças, que contaram experiências individuais ou de pessoas próximas. Também foram projetadas imagens de animais peçonhentos, como cobras, aranhas e escorpiões, os quais, não raro, provocavam situações de conflito/risco com moradores no território.

Na última atividade, nomeada pela equipe de Boneco Neto, as crianças foram incentivadas a descobrir na sala figuras com réplicas de animais parasitas e peçonhentos, para depois fixá-las no corpo de um dos colaboradores (o Boneco Neto), precisamente na região onde cada animal costuma parasitar ou atacar. Durante a atividade uma criança se assustou com a réplica em madeira de uma cobra, chegando a chorar. As mediadoras contornaram a situação rapidamente, mas o episódio nos lembrou que crianças podem reagir de forma diferente aos estímulos, e que os responsáveis pela atividade devem estar atentos a essa diversidade. Ao final da oficina as crianças se acalmaram e relaxaram ao som da música *Ciranda da Bailarina*, de **Chico Buarque** e **Edu Lobo**. A equipe avaliou que houve um ótimo engajamento das crianças durante as atividades e comentários bem humorados dos responsáveis, em especial de uma mãe que incentivou e facilitou a realização da oficina na **Escola Municipal Juliano Moreira**, próxima ao campus. Com autorização da Direção da escola, esta oficina foi reproduzida em quatro turmas do primeiro e segundo ano do ensino fundamental. Mais uma vez, as atividades despertaram a curiosidade e a interação das crianças, principalmente entre as mais novas. Ao término das oficinas, os mediadores receberam um abraço ou eram chamados para ouvir mais uma história pessoal ou familiar. Esta retribuição deixou na equipe uma sensação gratificante.

Endereços eletrônicos dos vídeos

Por que precisa lavar as mãos? > www.youtube.com/watch?v=xSqiVMC-Kyk
Super-Sabão: Lavar frutas, verduras e legumes > www.youtu.be/i7piwplhh2g.

Equipe responsável

Maria Alice Kuzel, Isabel Cristina Bonna, Helena Medrado, Sócrates Neto, Marina Furtado (Saúde Ambiental) e Henrique Bonna (músico).
isabel.bonna@fiocruz.br

Como nascem e funcionam as florestas?

Objetivo

Realizar atividades lúdicas e sensoriais para aproximar as crianças das relações ambientais que ocorrem na Mata Atlântica, abordando o papel desse ecossistema para manutenção da biodiversidade e os serviços por ele oferecidos, tais como a produção e o abastecimento de água para as grandes cidades.

Atividades realizadas

Após o acolhimento das crianças no Horto-Escola da FMA, elas foram levadas ao Galpão de Beneficiamento de Sementes que havia sido previamente organizado e decorado e, no qual, as crianças foram orientadas a sentar em roda para ouvirem a história *A sementinha que não queria nascer*, de **Richard Mcfodden** e **Patrícia Kenney**, contada por uma das mediadoras. Os autores narram de maneira simples e lúdica o que é necessário para uma semente germinar, crescer e frutificar, além da importância das árvores na vida das pessoas e para o

meio ambiente. Depois da contação da história, foi proposto às crianças que desenvolvessem uma peça de teatro, na qual cada uma interpretaria uma personagem (sementes, plântula, chuva, vento, minhoca e árvore). Elas tiveram liberdade para escolher seu personagem e se caracterizaram com fantasias produzidas com *TNT*, *EVA*, papel crepom e papel colorido feitas previamente pela equipe. Um *TNT* preto foi esticado para simular o fundo do palco, e folhas de *EVA* e de papel colorido foram utilizadas para representar o sol, as nuvens e os pássaros. A atividade foi divertida e prendeu a atenção das crianças, tanto aquelas que estavam encenando, quanto as outras que formavam a plateia.

A segunda atividade consistiu em uma experiência sensorial com sementes de diversas espécies, com o objetivo de despertar a atenção das crianças para a diversidade de formas de dispersão. Foram utilizadas seis caixas de sapato, revestidas com papel colorido, nas quais foi feito um buraco em uma das laterais (da parte maior), o qual foi coberto por um pedaço de *TNT* que impedia visualizar o conteúdo na caixa. Sem saber o que havia dentro, as crianças foram convidadas a colocar a mão



no buraco e sentir os “objetos” com o tato. Quando as mediadoras perguntavam o que as crianças achavam que havia no interior das caixas, a “imaginação ia longe”: bolinha de gude, porco espinho, granulado, miçangas etc. Após a experiência, as caixas foram abertas e as sementes circularam de mão em mão, ao mesmo tempo em que as mediadoras explicavam a que árvore cada semente pertencia, e a relação existente entre o formato e o tamanho de cada semente e sua respectiva forma de dispersão. Na última atividade, as crianças foram convidadas a semear sementes de ipê amarelo em copinhos reutilizados de água mineral. Elas foram orientadas a colocar areia, depois as sementes e a regar. Ao final cada uma levou o seu para casa. Dentre todas as atividades realizadas, a peça de teatro pareceu ser a mais divertida para as crianças, pois ao final quiseram encená-la novamente.

Equipe responsável

Maria Affonso Penna e Mayra Riscado (Saúde Ambiental)
mayra.cabral@fiocruz.br

Onde estou pisando?

Objetivo

Sensibilizar as crianças para a importância do solo, seus tipos e funções na floresta, e sua importância para a ciclagem de nutrientes, a qualidade do ar e da água.

Atividades realizadas:

As crianças, depois de acolhidas no Horto-Escola do FMA, puderam observar um teste de permeabilidade do solo, isto é, um exame para avaliar a propriedade do solo de permitir o escoamento da água. Para isso, as mediadoras cortaram três garrafas *PET* ao meio, encaixando a parte superior, com o gargalo para baixo, dentro da parte inferior. Em cada garrafa foi adicionado um tipo de solo (argila, areia e matéria orgânica), depois foi vertido um pequeno volume de água, chamando a atenção das crianças para que observassem qual tipo de solo retinha mais e menos água respectivamente.

Na segunda atividade foi trabalhada a textura e a aderência de cada tipo de solo. Para isso foram apresentadas três caixas plásticas, cada uma com um tipo de solo (argila, areia e matéria orgânica), e as crianças foram orientadas a colocar as mãos e perceber as diferenças entre os solos secos e úmidos. A terceira atividade foi uma pintura livre e coletiva feita com tintas produzidas pelas próprias crianças, com auxílio das mediadoras, mediante uma mistura a base de



terra (de cores diferentes), cola branca, água e folhas maceradas. A pintura foi feita sobre folhas de *flipchart* coladas umas nas outras.

A última atividade trabalhou a importância das florestas, a relação da disponibilidade de água no solo e o impacto da chuva em solo exposto e em áreas com vegetação. Para isso, as mediadoras apresentaram uma minifloresta produzida anteriormente em uma caixa de madeira com mudas plantadas (caixa de erosão), e outra caixa na qual foi colocada apenas areia. Ao ser ligado o sistema de irrigação do Horto-Escola para simular a chuva, as crianças puderam ver na prática o que acontece em cada um dos casos, e descobriram que a floresta exerce função importante na conservação do solo e da água: ela absorve a água das chuvas e a conduz para as camadas inferiores do solo até alcançar o lençol freático, a partir do qual ocorre um reabastecimento gradual dos cursos d'água. Essa última atividade foi sem dúvida a que as crianças mais se divertiram no dia. Depois da explicação sobre o papel das florestas na conservação dos solos e dos recursos hídricos, algumas crianças se atiraram no "banho de chuva" provocado pelo sistema de irrigação do Horto-Escola.

Equipe responsável

Maria Affonso Penna e Mayra Riscado (Saúde Ambiental)

mayra.cabral@fiocruz.br

Jogo de tabuleiro gigante

Objetivo

Mobilizar os conhecimentos das crianças sobre o tema saúde ambiental, abordado em oficinas anteriores, e divulgar as ações e projetos da FMA para as crianças e respectivas famílias.

Atividades realizadas

A oficina consistiu em um jogo de tabuleiro gigante que abordava conceitos e conteúdos em ciências: biodiversidade, bioma Mata Atlântica, fauna e flora nativa da Mata Atlântica, educação e saúde ambiental. Também foram divulgados os projetos e ações desenvolvidas pelas equipes da FMA. O jogo, concebido e elaborado pelas mediadoras da oficina, foi

inspirado em outro jogo, elaborado por uma das mediadoras, para uma edição do evento Fiocruz Pra Você, realizado anualmente na Fundação. Na ocasião, o tema do jogo era parasitologia. O tabuleiro foi desenhado no programa *PowerPoint*, impresso em plotter (2,0 x 1,5) e revestido com papel *contact*. Tampas de garrafa *Pet* foram utilizadas como peões. Dezesesseis caixas de leite *Tetrapak* foram envolvidas com folhas de *EVA* colorido e papel *contact* para confecção de dois dados gigantes. Como todo tabuleiro, havia um caminho a ser percorrido e este continha os seguintes tipos de casa:

- 1) **casa vazia;**
- 2) **casa com ação positiva** (exemplo: "você deu todas as vacinas no seu cachorrinho, avance uma casa");
- 3) **casa com ação negativa** ("sua mãe descartou o óleo de cozinha na pia, volte duas casas");
- 4) **casa do conhecimento** (informação a respeito de um animal ou planta da Mata Atlântica);
- 5) **casa "Tem no CFMA!"** (informação a respeito de um projeto ou ação realizada pelas equipes da FMA).

As crianças foram divididas em dois grandes grupos (15 cada) e convidadas a jogar. O jogo estimulou o trabalho em equipe, mobilizou os conhecimentos das crianças e estabeleceu um clima de competição saudável.

Vídeo com instruções para fazer um dado gigante reaproveitando caixas de leite:

<https://www.youtube.com/watch?v=WLcOHmk7nyY>.

Equipe responsável

Helena Medrado e Mayra Riscado

helena.medrado@fiocruz.br



Caça ao tesouro: guardiões da mata atlântica



Objetivo

Trabalhar com as crianças temas como a conservação do bioma Mata Atlântica e educação ambiental.

Atividades realizadas

As crianças foram convidadas a participar de uma caça ao tesouro no pátio interno do Pavilhão Agrícola e na área externa da FMA com o acompanhamento de mediadores da área de Saúde Ambiental. A atividade era cooperativa e todas as crianças formaram uma única equipe, porém os desafios foram

resolvidos em trios da mesma faixa etária. Assim todas as crianças puderam responder a desafios com diferentes níveis de dificuldade. Estes se apresentaram em palavras-cruzadas, caça-palavras, charadas etc. e abordaram assuntos sobre saúde ambiental discutidos em oficinas anteriores. Ao final da brincadeira todos foram presenteados com um boné personalizado com a inscrição "Guardiões da Mata Atlântica".

Equipe responsável

Helena Medrado e Mayra Riscado (Saúde Ambiental)

helena.medrado@fiocruz.br

As aventuras dos pequenos mosqueteiros contra a zika, dengue e chikungunya

Objetivos

Realizar uma contação de história lúdica e com atividades práticas envolvendo três personagens (Ana, Chico e João) que dialogam sobre as arboviroses dengue, zika e chikungunya e aspectos da biologia dos seus principais vetores; apresentar as principais características morfológicas e curiosidades da biologia do mosquito *Aedes aegypti*, como os principais criadouros frequentados por fêmeas desta espécie, seu ciclo de vida e os arbovírus transmitidos por este mosquito vetor que acometem o ser humano; identificar, por meio de gincana envolvendo o uso de maquetes adaptadas à realidade local, os principais criadouros utilizados por fêmeas de *Aedes aegypti* (mosquito que transmite a dengue)

para oviposição; e apresentar as principais características dos estágios evolutivos que compõe o ciclo de vida deste mosquito, bem como outras características morfológicas, por meio da observação em estereomicroscópio.

Atividade realizada

Nesta oficina os responsáveis das crianças também foram convidados a participar. Após o acolhimento, foi apresentada a cartilha *As Aventuras dos Pequenos Mosqueteiros contra Dengue, Zika e Chikungunya*. Nesta cartilha uma história em quadrinhos mostra a importância de reconhecer a espécie de mosquito vetor, seus hábitos, comportamentos, biologia e doenças causadas pelos principais arbovírus transmitidos pelo *Aedes aegypti*.

A apresentação foi realizada de forma lúdica, participativa e descontraída, e as crianças e seus responsáveis trouxeram questões relacionadas ao seu cotidiano escolar e domiciliar. Ao final, cada criança recebeu um exemplar impresso da cartilha e observou *in loco*, por meio de estereomicroscópio (Zeiss), exemplares dos estágios de vida do *Aedes aegypti* (ovo, larva - 3º e 4º estádios, pupa e mosquito adulto). As crianças e seus responsáveis demonstraram interesse pelas atividades, retornando repetidas vezes para observar os estágios de vida dos mosquitos. Alguns, ao observar os ovos do *Aedes aegypti*, os acharam muito parecidos com o arroz preto em miniatura.

Foram abordadas ainda as diferenças morfológicas entre machos e fêmeas observadas nas antenas, que tinham sido destacadas na contação da história realizada no início. As maquetes apresentadas tinham características semelhantes a uma casa comumente observada em ambientes urbanos com a explicitação de criadouros que podem estar presentes nessas situações. Registrou-se que, após serem feitas perguntas sobre qual realidade os participantes observavam em seu ambiente domiciliar e no entorno, a tendência foi apontar para a maquete que não tinha criadouros. No encerramento da oficina as mediadoras orientaram sobre a importância de divulgar essas informações junto a familiares e vizinhos, pois o controle do mosquito da dengue é dever de todos!



ARBOVÍRUS

Define-se como o vírus que é transmitido por um artrópode vetor, como o vírus da dengue, que é transmitido principalmente pelo *Aedes aegypti*.

Referências

CONSOLI, Rotraut A.G.B; OLIVEIRA, Ricardo Lourenço de. Principais mosquitos de importância sanitária no Brasil. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1994, 225 pp.
HONÓRIO, Nildimar A.; SANTOS, Gerusa B. G. dos; MAYRINK, Manuel C. (Org.) Aventuras dos Pequenos Mosqueteiros contra Dengue, Zika e Chikungunya. Produção Clubinho da Ciência. Rio de Janeiro: Nosmove/Fiocruz, 2016. Disponível em: www.fiocruz.br/ioc/media/Cartilha_completa_aedes.pdf.

Equipe responsável

Carmen Fátima das Neves Pinheiro Pereira, Luciane da Silva Pinheiro, Andiária Ramos da Silva, Daniel Cardoso Portela Câmara, Izabel Cristina dos Reis, Célio da Silva Pinel, Nildimar Alves Honório (Laboratório de Mosquitos Transmissores de Hematozoários-LATHEMA, Instituto Oswaldo Cruz - IOC/Fiocruz e Núcleo Operacional Sentinela de Mosquitos Vetores-Nosmove/Fiocruz) e Larissa Gonçalves dos Santos (Núcleo Operacional Sentinela de Mosquitos Vetores-Nosmove/Fiocruz)
nildimar.honorio@ioc.fiocruz.br

Olhares e memórias da Colônia

Esse conjunto de oficinas buscou trabalhar, de forma didático-pedagógica, diversos aspectos relacionados à área da antiga Colônia Juliano Moreira, sobretudo com ênfase nas memórias e na história do lugar. Um dos elementos mais importantes que afirmam o caráter social da memória é a linguagem. A linguagem é o instrumento socializador da memória, pois reduz, unifica e aproxima, no mesmo espaço histórico e cultural, vivências tão diversas como o sonho, as lembranças e as experiências recentes. É interessante ainda apontar que a memória é um objeto de luta pelo poder travada entre classes, grupos e indivíduos. Decidir sobre o que deve ser lembrado e também sobre o que deve ser esquecido integra os mecanismos de controle de um grupo sobre o outro. Buscou-se orientar as crianças na descoberta de outras possibilidades de olhar e se reconhecer como parte integrante desse espaço, considerando os aspectos históricos, culturais, arquitetônicos, artísticos e, sobretudo, a capacidade de ressignificá-los no presente.

A proposta destas oficinas foi desenvolvida a partir de um desdobramento da experiência realizada na primeira fase do Clubinho da Mata nos anos de 2016 e 2017.

Referências bibliográficas

BOSI, Ecléa. Memória e sociedade: lembrança de velhos. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

A Colônia que eu não vi

Objetivo

Possibilitar que as crianças conhecessem aspectos da Colônia Juliano Moreira que não vivenciaram, sensibilizando-as para a riqueza do passado deste lugar.

Atividades realizadas

A oficina começou com a simulação de uma sessão de cinema, trazendo “em cartaz”





um vídeo curto com fotos antigas sobre lugares históricos da Colônia Juliano Moreira. Para a exibição foi criado um ambiente descontraído com pipoca e guaraná. Logo após a “sessão de cinema”, foi feita uma roda de conversa, na qual os mediadores apresentaram imagens fotográficas antigas e atuais da Colônia, para que as crianças pudessem comparar os lugares e as mudanças que aconteceram ao longo do tempo, estimulando reflexões sobre o território. Foram feitas perguntas para as crianças se elas conheciam e lembravam desses lugares, se já tinham passado por ali, que mudanças observavam nas fotos de diferentes épocas. Apesar da maior parte das crianças residir na área da antiga Colônia, talvez pela faixa etária ou por não ter

o costume de passar ou reparar nas áreas do núcleo histórico Rodrigues Caldas, algumas não reconheceram várias imagens. O aqueduto, a igreja e o chafariz foram identificados rapidamente pela maioria que reside no entorno dessas edificações.

A atividade seguinte envolveu um material impresso preparado previamente como base para entrevistas a serem feitas pelas crianças junto a familiares, vizinhos e amigos durante a semana. A proposta era obter relatos de pessoas que vivenciaram o passado da Colônia, narrando experiências, vivências, fatos ocorridos e curiosidades que remetessem à memória do lugar. A orientação para a realização dessa “tarefa”, que as crianças deveriam trazer na semana seguinte, foi dada pelos mediadores no final da oficina em uma roda de conversa com as crianças.

Equipe responsável

Samuel Pereira e Juliana Maia (Núcleo de Convívio), Anna Cecília Gobbi (Assessoria técnica/Saúde Urbana) e Emerson Rocha.
juliana.maia@fiocruz.br e samuel.silva@fiocruz.br

A Colônia que eu vejo

Objetivo

Valorizar a memória da Colônia Juliano Moreira por meio de depoimentos, fotos e objetos, aproximando as crianças dos elementos da arquitetura e do ambiente existentes no território mediante a realização de uma caminhada pelo seu circuito histórico.

Atividades realizadas

A oficina iniciou com a leitura dos depoimentos/entrevistas trazidas pelas crianças (tarefa para casa da oficina anterior), o que gerou reflexões, bate papos e muitas descobertas. As crianças foram estimuladas a comentar como foi essa experiência de fazer as entrevistas e quais foram as pessoas que deram os relatos. A maioria das pessoas entrevistadas foram idosos – avós, avôs, tios etc., mas também jovens adultos que tinham essas lembranças. As crianças revelaram ter gostado muito de desempenhar esse papel de repórter por um dia, ouvindo os relatos - por conta da faixa etária das crianças, em alguns casos, os próprios entrevistados fizeram o registro por escrito.

No momento seguinte, os mediadores fizeram então a proposta da Caminhada histórica que envolvia um percurso a pé do campus Fiocruz Mata Atlântica ao núcleo histórico Rodrigues Caldas. A partir de alguns combinados coletivos sobre o rodízio necessário no uso dos materiais/equipamentos e o comportamento seguro no trajeto, as crianças foram divididas em três grupos, onde cada um teria funções diferentes durante a caminhada, sendo elas fotografia, registro escrito e desenho. As crianças ficaram livres para registrar o que percebiam ser mais conveniente e importante no contexto da proposta. Para muitas crianças foi uma experiência importante olhar e registrar fotograficamente detalhes do mundo exterior – algumas com acesso limitado a máquinas fotográficas ou celular e outras acostumadas somente a fazer “selfs” (nota-se uma tendência nas gerações atuais de um foco excessivo na autoimagem). Durante a caminhada, uma equipe multidisciplinar acompanhou o processo, enriquecendo a atividade, trazendo informações sobre a fauna, flora, arquitetura histórica e os marcos urbanísticos encontrados no território. Foi possível verificar uma grande riqueza na troca entre as crianças e os mediadores despertada pelo olhar atento e a curiosidade ao longo do trajeto. Neste percurso, uma equipe de profissionais da FMA filmou um *making off* da atividade.



“Quando eu tinha 12 anos meu pai mandava eu e meus irmãos ir comprar leite da Vacaria. Chegávamos cedo e tirava leite das vacas e bebia na hora”.

moradora entrevistada, 53 anos

“O paciente J. brincava com a gente e pegava fruta no pé para comermos. Os pacientes ficavam soltos pelas ruas e nunca foram agressivos. Muito pelo contrário, nos ajudava muito”.

moradora entrevistada, 34 anos

“Há 20 anos atrás aqui na Colônia, na rua Caminho da Cachoeira no Planalto, existia uma lenda de que na rua, depois da meia-noite, havia uma procissão dos espíritos (fantasmas) de escravos que caminhava em toda extensão da rua arrastando corrente e durava uns 30 minutos.... eu tinha muito medo dessa antiga lenda!”.

morador entrevistado, 40 anos

“Era um lugar com muitas árvores, bem mais que atualmente. Havia muitos animais, porcos, gado e plantações de verduras, que servia para alimentar os internos da época. As crianças brincavam livres nas ruas de terra, sem asfalto. A Colônia era uma área rural”.

moradora entrevistada, 59 anos

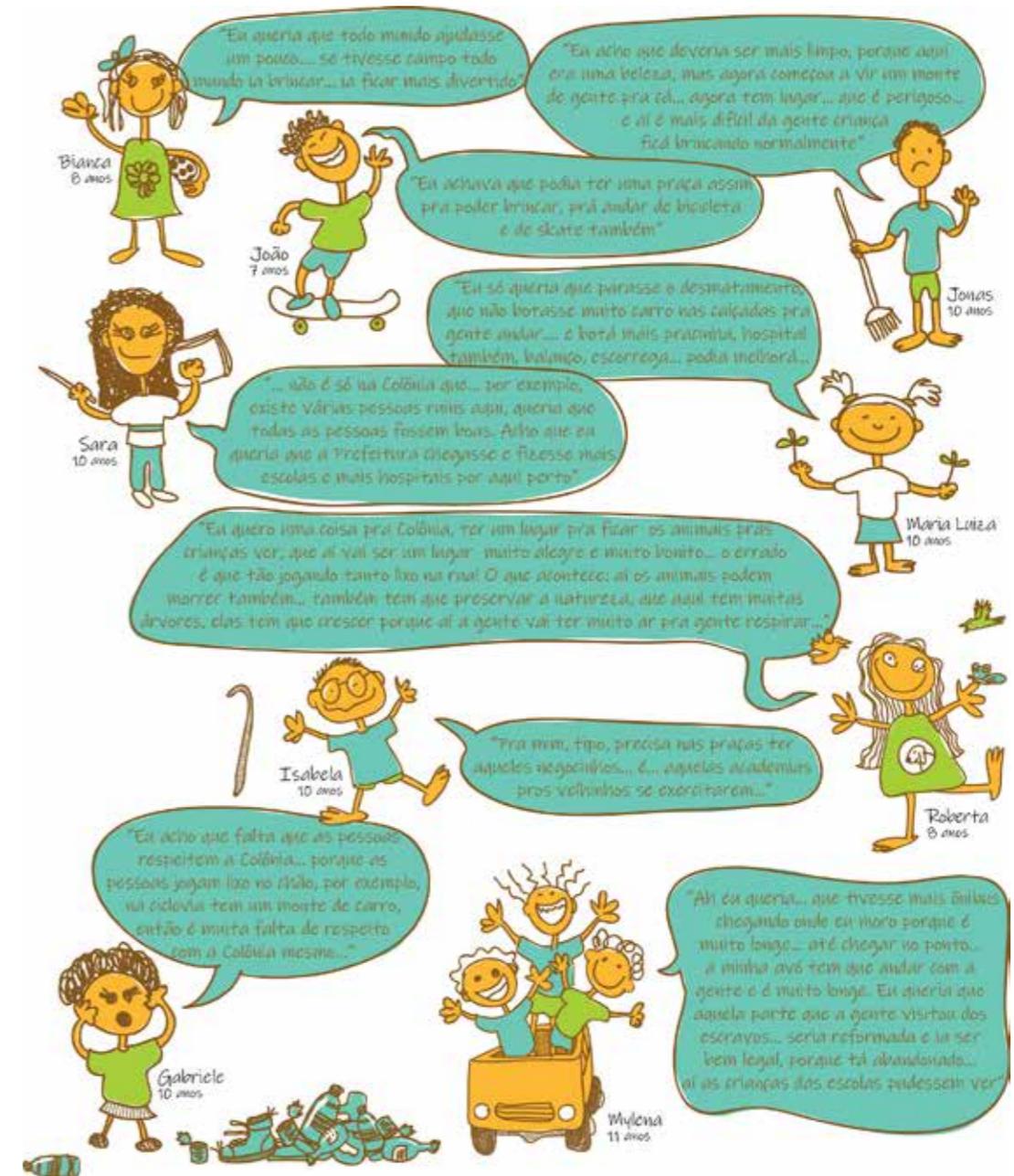
Equipe responsável

Samuel Pereira e Juliana Maia (Núcleo de Convívio), Carmen Beatriz Silveira e Lin Lima (Assessoria técnica/Saúde Urbana), Renata Moyses (Saúde Ambiental) e Emerson Rocha. juliana.maia@fiocruz.br e samuel.silva@fiocruz.br

A Colônia que eu quero

Objetivo

Organizar com as crianças uma exposição envolvendo todo material produzido durante as duas oficinas anteriores, com ênfase na ressignificação da memória social e afetiva, ressaltando a importância de personagens emblemáticos no território.





Atividades realizadas

Com todos os materiais produzidos nas duas oficinas anteriores em mãos, os mediadores organizaram as crianças em grupos e iniciaram a montagem da exposição. Cada grupo ficou responsável por uma tarefa. Na semana anterior foram feitas gravações de áudio com as crianças sobre o tema da oficina: "A Colônia que eu quero". Esses áudios se integraram ao demais materiais para a exposição e alguns trechos foram transcritos abaixo. As fotos foram distribuídas de forma aleatória em uma grande sala e foi reproduzido no chão um mini-mapa com pontos de referência do território (núcleo histórico Rodrigues Caldas, chafariz, aqueduto, estação do BRT). Os visitantes podiam, durante a exposição, se localizar, complementar informações do mapa (escolas, igreja...) e traçar caminhos por onde costumavam passar no seu cotidiano, em tempo real. Outro ponto relevante na exposição foram os desenhos e registros feitos pelas

crianças durante a caminhada histórica e os relatos dos familiares e vizinhos entrevistados que foram impressos e expostos nas paredes (experiências de quando a família chegou ao local, histórias do imaginário local etc.).

Foi possível perceber que as famílias gostaram muito de reconhecer ali suas histórias e puderam enriquecê-las ainda mais, trazendo outros fatos e memórias. Foi montada ainda uma câmara escura com áudios e vídeos sobre o território, apresentando aos visitantes fotos antigas e atuais desta área, enquanto ouviam áudios gravados com o depoimento das crianças expressando suas expectativas, sonhos e desejos em relação à Colônia Juliano Moreira. No decorrer da exposição, o *making off* das atividades realizadas durante a caminhada histórica foi exibido num telão. Para valorizar e homenagear Arthur Bispo do Rosário, as crianças e os visitantes confeccionaram, a partir de um molde de pano pendurado no meio da sala, o seu famoso "manto", utilizando a técnica de customização com a aplicação de diferentes materiais disponibilizados sobre uma grande mesa. Houve grande envolvimento e participação dos visitantes. O encerramento da exposição contou com a participação de um personagem histórico ao vivo, caracterizado como o psiquiatra Juliano Moreira, que interagiu com o público relatando fatos e curiosidades da sua vida.

Equipe responsável

Samuel Pereira e Juliana Maia (Núcleo de Convívio), Carmen Beatriz Silveira, Lin Lima, Priscilla Lisboa e Patrick Rosa (Assessoria técnica/Saúde Urbana), Robson Santos e Emerson Rocha.
juliana.maia@fiocruz.br e samuel.silva@fiocruz.br

Arte, cultura e território

Na organização do acervo de programação visual da Fiocruz Mata Atlântica, um dos primeiros desafios foi criar um banco de imagens que fosse capaz de ilustrar as belezas naturais e os problemas estruturais das comunidades do entorno. Ou seja, alimentar as demais equipes do campus com informações visuais sobre as atividades realizadas e o reconhecimento do território.

Para atender a essa demanda foram necessárias incursões regulares pela área de floresta para registrar imagens que pudessem ser de interesse dos profissionais que atuavam no campus, incluindo atividades de pesquisa e desenvolvimento de projetos.

Ampliar o olhar das crianças para as belezas do território cotidianamente vivido, seja a natureza ou o patrimônio histórico e artístico, e também para uma reflexão consciente sobre os seus problemas, foi a base para fundamentar as oficinas de criação artística. Seu desdobramento foi a instalação das crianças do Clubinho da Mata, no Grande Salão da exposição Utopias: A vida para todos os tempos e glória, a partir do estreitamento da parceria com o Educativo do Museu Bispo do Rosário Arte Contemporânea (mBrac) em 2019.



Criação artística com stencil

Objetivo

Apresentar a técnica do stencil (máscara) e permitir a confecção de estampas personalizadas por cada criança para sua camisa do Clubinho a partir de elementos encontrados da natureza e de materiais de reaproveitamento.

Atividades realizadas

Duas oficinas, de caráter artístico-educativo, que estimularam a capacidade de observação de materiais e elementos (folhas, gravetos, areia e pedras) e sua posterior utilização na confecção de estampas e outras atividades artesanais por meio de técnicas como a do stencil e confecção de pequenas carimbos. Os modelos de máscara foram feitos previamente a partir do recorte de figuras (beija-flor, passarinhos no ninho, calangueiro, libélula



la e borboleta) em materiais reaproveitados como folhas de raio-x. As crianças utilizaram tinta spray colorida para estampar suas camisas, com o acompanhamento dos mediadores e o uso de avental e máscara adequados. O resultado ao final da atividade, realizada em 2018, foram camisas personalizadas utilizadas pelas crianças ao longo do ano nas oficinas do Clubinho da Mata.

Em 2019, para que as crianças pudessem ter as camisas personalizadas desde o primeiro dia de oficinas, esta atividade foi feita em paralelo com a oficina Quintal Brincante (de abertura). As crianças foram chamadas em grupos de dois ou três para estampar a camisa, enquanto as demais continuavam nas brincadeiras coletivas. Entretanto, constatou-se que a animação das crianças é muito grande no primeiro dia, e isso atrapalhou a concentração na atividade, sendo importante garantir um dia específico para sua realização.

Foi visível o grande interesse das crianças pelas técnicas artísticas utilizadas e pelo uso de tinta spray, que provocou uma grande curiosidade e empolgação, por não ser em geral acessível. E também o orgulho e a satisfação em mostrar as camisas estampadas por elas como uniforme de identificação do Clubinho da Mata.

Equipe responsável

Lin Lima - juscelino.lima@fiocruz.br

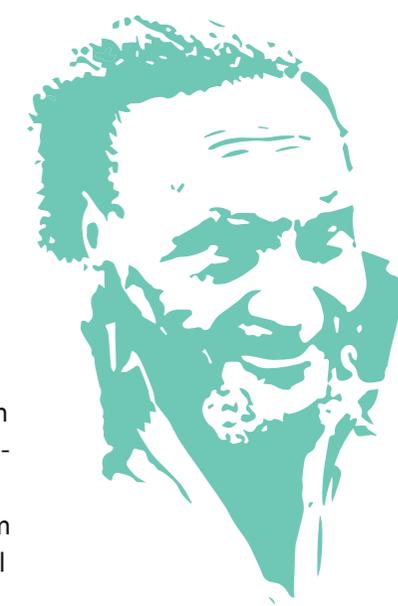
Da mata ao Bispo

“Eu não quero me libertar totalmente da loucura, Porque eu quero ter o direito de dizer o que eu penso”

Arthur Bispo do Rosário

Objetivo

Sensibilizar as crianças para um olhar de interesse em relação à paisagem do entorno, a partir de uma caminhada a pé, recolhendo objetos percebidos como interessantes que foram posteriormente trabalhados em uma instalação e exposição no Museu Bispo do Rosário. Nesse processo foram trazidos elementos da história do Bispo do Rosário, que é a figura central da Colônia e deste museu, que se correlacionam com essa proposta.





Atividades realizadas

As crianças foram convidadas a fazer a pé um trajeto entre o campus Fiocruz Mata Atlântica e o Museu Bispo do Rosário, ambos na antiga Colônia Juliano Moreira – uma caminhada de aproximadamente dois quilômetros – acompanhados pelos mediadores. Elas foram estimuladas a coletar quaisquer objetos que achassem interessantes (por medida de segurança, na saída do campus, elas receberam e colocaram luvas de plástico nas mãos). Ao chegar no museu, os objetos foram depositados em montes, e depois foram ordenados pelo espaço expositivo, que era o salão principal da instituição. Não houve critério específico nessa distribuição, pois o objetivo era o olhar das crianças para o entorno, percebendo-o de forma não mecânica. Reconhecer o local de convívio através de outras camadas de interpretação e cooperação.

No segundo dia de oficina, a atividade foi realizada no salão do museu, para a montagem da exposição. Algumas latas de tinta *spray* foram distribuídas e os participantes se expressaram graficamente pelas paredes, também de forma livre (utilizando avental e máscara de proteção adequadas com o acompanhamento de mediadores). O conjunto de instalações e grafismos apresentou vozes que traduziam o presente daquele lugar tão emblemático, lugar de convívio das crianças que participaram da proposta.

Um fato preocupante para os moradores da região é a presença cada vez maior do lixo, justamente num lugar tão privilegiado por sua paisagem, rica em relevo, fauna e flora. A grande maioria dos objetos coletados era lixo descartado aleatoriamente. Os poucos galhos e folhas secas presentes nos achados eram apenas um lembrete do tipo de coisa que se coletaria há algumas poucas décadas atrás. E essa é apenas uma das observações que se pode fazer a respeito dessa oficina.

Foi evidente o grande empenho e a empolgação das crianças, que estavam expondo pela primeira vez no único museu de arte da cidade do Rio de Janeiro localizado na Zona Oeste. O museu, emblemático pela história de seu maior expoente, o artista Arthur Bispo do Rosário, foi ocupado por alguns de seus “filhos” e “netos” ainda transmitindo seu pensamento com qualquer coisa que seja encontrada e que possa ser manipulada pela sensibilidade e criatividade. Uma experiência sem dúvida alguma muito enriquecedora para as crianças e as equipes.

Equipe responsável

Lin Lima - juscelino.lima@fiocruz.br

Clubinho da Mata e mBRAC

A construção de uma utopia

O Museu Bispo do Rosário (mBrac) é responsável pela preservação das obras de Arthur Bispo do Rosário, que foi interno na Colônia Juliano Moreira por cerca de 50 anos e, hoje, é considerado um dos maiores nomes da arte contemporânea. Além das exposições, o museu se expande pelo território por meio de suas ações de educação, memória e cuidado em saúde mental.

Bispo do Rosário criou um “inventário do mundo para apresentar a Deus no Juízo Final”. Esse era seu caminho para a criação de um novo mundo, sem miséria, tristeza e doença mental: sua utopia. Se compreendemos a imaginação como elemento impulsor para criação de novas formas de habitar o mundo, convém perguntar: A quem é dado o direito de sonhar e projetar futuros? Quais são as imaginações que ganham lugar na correlação de forças que disputam a criação de novos sistemas sociais? Como ouvir as crianças sobre seus sonhos para si, para a sociedade, para os lugares que habitam, para o planeta?

Tais perguntas motivaram o convite ao Clubinho da Mata para a exposição *Utopias: A vida para todos os tempos e glória*, que também inclui a participação de diversos artistas. A mostra conta com uma galeria inteiramente dedicada à experiência e perspectiva das crianças, reunindo materiais produzidos nas oficinas oferecidas pela Fiocruz e mBrac. O museu foi lugar de descoberta e também casa aberta para produção dos imaginários das crianças em relação à memória do território - envolvendo pessoas da comunidade – e suas projeções de futuro. As crianças escolheram suas próprias narrativas sobre a Colônia, fizeram arte e brincaram. Como pensar a Utopia sem brincar?

Esse processo de ocupação e de trocas com o museu teve ainda outro momento, o das visitas – afinal, tão importante quanto conhecer um lugar novo é sentir-se parte dele. No dia da abertura, os integrantes do Clubinho da Mata apresentaram



seus trabalhos e contaram suas histórias aos familiares e amigos. Para fortalecer ainda mais os vínculos criados, a agenda de visitas mediadas à exposição contemplou, prioritariamente, as escolas das crianças do Clubinho. Com isso, elas retornaram ao museu acompanhadas de seus colegas e protagonizaram a mediação com suas turmas, não só apresentando o espaço do Clubinho na exposição, mas também o museu, obras dos artistas e o legado de Bispo.

Pela realização dessas ações conjuntas entre o Clubinho e o mBrac foi reforçado o desejo de estreitarmos os laços ao projetar ações que dialoguem com a comunidade local. Tal união corrobora com a ideia de um museu expandido, vivo e mutável, que busca construir esse espaço público, capaz de contribuir na promoção de Arte, Saúde e Educação.

Equipe responsável

Diana Kolker C. da Cunha, Rennan Carmo e Silvana Marcelina (mBrac)
educacao.mbrac@gmail.com

Prefeitura do Rio de Janeiro, Secretaria Municipal de Cultura, Lei Municipal de Incentivo à Cultura - Lei da ECL, Secretaria Municipal de Saúde, Multi Rio Cineações Particulares S/A e BRAS - apimentem

ARTHUR BISPO DO ROSÁRIO
 ATELIER GARA
 CINE TAQUARA
 CLUBINHO DA MATA
 ERICILIA ESTANCANY
 HUGO DENIZART
 POLA FERNANDES
 SEU FERNANDES
 VAL SOLIZA
 VERIDIANA ZURITA
 curadoria de DIANA KOLKER E RICARDO RESENDE

Abertura 25 set de 2019, das 14h às 17h
 Visitação 25 set de 2019 à 25 Jan de 2020
 terça à sexta e últimos sábados de cada mês
 10 às 17h

MUSEU BISPO DO ROSÁRIO ARTE CONTEMPORÂNEA
 Estrada Rodrigues Cabiles 3400
 Colônia Juliano Moreira, Taquara - Jacarepaguá
 Informações: (21) 3432-2492
 contato@museubisporosario.com

REALIZAÇÃO
 BRAS
 PATROCÍNIO
 RIO
 APOIO
 PARCEIROS INSTITUCIONAIS

UTOPIAS
 A VIDA PARA TODOS OS TEMPOS E GLÓRIA

se você tem
 entre 6 e 11 anos
 venha participar do

Clubinho da Mata

Inscrições de 02 a 30 de abril!
 Participação aberta e gratuita

O Clubinho da Mata desenvolve oficinas com brincadeiras, arte, jogos e muito mais, para trabalhar a relação entre a saúde e o cuidado com o corpo, a casa, o quintal, a cidade e o meio ambiente.

As oficinas com as crianças serão nas quartas feiras das 14h às 16h.
 O Responsável deve trazer um documento de identidade.

Horário de inscrição: das 10h às 16h, de segunda à sexta.
 Local: Campus Fiocruz Mata Atlântica
 (início da Rua Sampaio Correia - Antigo P. Agrícola - Colônia J. Moreira)
 Período de realização: 02 de maio a 07 de novembro de 2018

informações:
 2448-9008/2448-9018.
 Falar c/ Samuel ou Flávia (Núcleo de Convívio)

Realização: Programa de Desenvolvimento do Campus Fiocruz da Mata Atlântica



Anexos



PROGRAMA CLUBINHO DA MATA 2018

MÓDULO	OFICINA	OBJETIVO
RECEPÇÃO E ABERTURA	QUINTAL BRINCANTE	Acolher e integrar as crianças com muitas brincadeiras. Em paralelo, os pais serão convidados a uma conversa para apresentação do programa do Clubinho da Mata e de como podem participar ativamente.
MÓDULO 1 – CUIDANDO DA GENTE	CORPO E MOVIMENTO	Ampliar a percepção e a consciência corporal, estimulando a atenção, a concentração e a sensação de tato consciente utilizando sementes e outros objetos afins; e estimular a curiosidade investigativa e a criatividade no movimento corporal.
	FAZENDO AMIZADE COM AS EMOÇÕES	Através da contação de uma estória com fantoches e de uma atividade lúdica, estimular as crianças a identificar, nomear e expressar os próprios sentimentos.
	DA CABEÇA AOS PÉS	Através de brincadeiras trabalhar a importância dos cuidados e da higiene do corpo, conhecendo melhor os parasitas e animais peçonhentos da região.
	ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL	Trabalhar a pirâmide alimentar, mostrando a importância de uma alimentação saudável e nutritiva combinada com exercícios físicos, para prevenir doenças; E atividades práticas de degustação de frutas e sucos verdes. A criança vai levar receitas simples para experimentar com a família em casa.
	TRAB COLETIVO E FORUNZINHO	Incentivar crianças a refletir e compartilhar seus pensamentos em relação aos temas trabalhados neste módulo, tendo em vista a valorização da escuta, do diálogo, da participação e da autonomia.
FAZENDO ARTE NA CAMISA	FORMAS E FÓRMAS	Apresentação dos materiais e técnicas e execução de exercícios básicos para que as crianças criem uma imagem personalizada para sua camisa do Clubinho. Confeção de estampa personalizada por cada criança para sua camisa do Clubinho com as técnicas apresentadas na oficina anterior.
MÓDULO 2 – A CASA, O QUINTAL E A CIDADE	CASA E CIDADE SAUDÁVEL	A partir de atividades lúdicas, debates e observação do ambiente natural e construído, discutir o que é uma casa saudável e seus arredores, visando construir conhecimentos e atitudes voltadas para a melhoria da qualidade de vida. Serão utilizadas dinâmicas de desenho, recorte e colagem, fotografia, maquete e encenações teatrais.
	QUE ÁGUA BEBEMOS?	Sensibilizar para a importância da água na vida humana, de se responsabilizar pelo cuidado com a água e sua relação com a saúde e sobre o direito à água.
	PARA ONDE VAI O ESGOTO DA CASA?	Conversar sobre os efluentes que saem da casa (esgoto) e como eles podem ser tratados de forma ecológica para não poluir o meio ambiente e gerar problemas de saúde.
	DE ONDE VEM MINHA COMIDA? DO QUINTAL À FEIRA	Conversar sobre a comida que alimenta e de onde ela vem, sobre a importância da horta urbana, da agroecologia e de sua relação com a saúde; participar de uma experiência sensorial; visitar uma horta agroecológica e participar de uma feira de degustação, com a distribuição de algumas mudas.
	COMPOSTAGEM NA GARRAFA PET	Reutilizar as garrafas Pet como suporte para uma composteira utilizando as sobras de alimentos descartados na cozinha para produzir adubo orgânico. Este adubo pode ser utilizado em plantio nos quintais ou em vasos de planta.

	COMPOSTAGEM NA GARRAFA PET	Reutilizar as garrafas Pet como suporte para uma composteira utilizando as sobras de alimentos descartados na cozinha para produzir adubo orgânico. Este adubo pode ser utilizado em plantio nos quintais ou em vasos de planta.
	BRINQUEDOS DE SUCATA	Apresentar para as crianças as possibilidades de fazer brinquedos a partir de sucata/recicláveis. Escolher alguns modelos para a oficina em grupos.
	COLETA SELETIVA E OLEO DE COZINHA USADO	A partir de um jogo e um vídeo infantil, fazer uma atividade prática de separação dos resíduos sólidos de acordo com a classe. Será realizada também a troca de litros de óleo de cozinha usado por um produto fabricado a partir dele (sabão em pasta).
	TRAB COLETIVO E FORUNZINHO	Incentivar as crianças a refletir e compartilhar seus pensamentos em relação aos temas trabalhados neste módulo, tendo em vista a valorização da escuta, do diálogo, da participação e da autonomia.
MÓDULO 3 – SAÚDE E AMBIENTE	COMO NASCEM AS FLORESTAS?	Em um passeio no Horto-Escola realizar atividades sensoriais e brincadeiras para aproximar as crianças das relações ambientais que ocorrem na Mata Atlântica.
	ONDE ESTOU PISANDO?	Em um passeio no Horto-Escola, realizar experiências para entender a importância de cuidar do solo.
	TRAB COLETIVO E FORUNZINHO	Incentivar crianças a refletir e compartilhar seus pensamentos em relação aos temas trabalhados neste módulo, tendo em vista a valorização da escuta, do diálogo, da participação e da autonomia.
MÓDULO 4 – DESCOBERTAS: DO CLUBINHO AO QUINTAL	FORUNZINHO	Estimular a autoconfiança e autonomia das crianças, trabalhando em grupo a definição de interesses para este último módulo e como o trabalho será desenvolvido.
	DESCOBERTAS	Descobertas a partir do desenvolvimento dos temas escolhidos.
	APRESENTAÇÃO + AVALIAÇÃO	Apresentação dos trabalhos em grupo pelas crianças e avaliação do programa com eles.
ENCERRAMENTO	EXPOSIÇÃO, AVALIAÇÃO	Exposição dos trabalhos das crianças, fotos, vídeos, roda de conversa com as famílias para avaliação do programa e festa de encerramento.

PROGRAMA CLUBINHO DA MATA 2019

MÓDULO	OFICINA	OBJETIVO
ABERTURA E ACOLHIMENTO	QUINTAL BRINCANTE + OFICINA CAMISAS + REUNIÃO COM OS RESPONSÁVEIS	Crianças: Acolhida e integração com muitas brincadeiras. Confeção de estampa personalizada por cada criança para sua camisa do Clubinho Responsáveis: Apresentação do programa do Clubinho da Mata e de como podem participar ativamente.
RE-CONHECENDO O TERRITÓRIO	A COLONIA QUE EU NÃO VI	Apresentar a Colônia e sua história – sessão de cinema, super jogo da memória, entrevistas para as crianças fazerem com pessoas antigas da Colônia.
	A COLONIA QUE EU VEJO	Tour em parte da Colônia – receber entrevistas feitas pelas crianças, visita guiada em percurso a pé com fotos pelas próprias crianças.
	A COLONIA QUE EU QUERO	Montagem da Exposição e do Mapa. Apresentação da exposição pelas crianças para os responsáveis e convidados.
O AMBIENTE NATURAL E A INTERAÇÃO HUMANA	EVENTO DO DIA DO MEIO AMBIENTE	Evento especial sobre o Dia do Meio Ambiente (5 de junho). Realização de atividades pelo Instituto Vital Brasil (trazendo animais vivos para observação), com o Parque Municipal Chico Mendes e apresentação do trabalho desenvolvido pelas equipes de Saúde Ambiental da Fiocruz Mata Atlântica.
	GUARDIÕES DA MATA ATLÂNTICA	A equipe de saúde ambiental vai utilizar jogos e brincadeiras para abordar a conservação ambiental, zoonoses, animais e plantas da Mata Atlântica.
	CUIDANDO DO RIO E DO AMBIENTE: OS 3 R's E A RECICLAGEM DE RESÍDUOS SÓLIDOS	Através de vídeo, atividades lúdicas e produção de papel reciclável serão trabalhados os 3 R's, a importância da separação dos resíduos sólidos conforme a classe e a importância de separar o óleo usado de cozinha.
	TRANSFORMANDO "LIXO" EM DIVERSÃO: BRINQUEDOS DE SUCATA	Apresentar para as crianças as possibilidades de fazer brinquedos a partir de sucata/recicláveis. Escolher alguns modelos para a oficina com as crianças em grupos.
	GOTINHAS NO AMBIENTE!	A partir de uma gincana, sensibilizar para a importância da água para a vida e a saúde, as formas de tratamento e os cuidados que se pode ter em casa.
	PARA ONDE VAI O ESGOTO DA CASA?	A partir de um jogo, conversar sobre os efluentes que saem da casa (esgoto) e como eles podem ser tratados de forma ecológica para não poluir o meio ambiente e gerar problemas de saúde.
	ARTE E CULTURA	FAZENDO ARTE

	EXPOSIÇÃO NO MUSEU BISPO DO ROSÁRIO	Inauguração da exposição no Museu com a presença das crianças, seus responsáveis e o público em geral. Depois, as crianças apresentaram a exposição aos alunos de sua escola quando houve visitação deles à exposição promovida pelo Educativo do Museu.
A CIDADE, A CASA, O NOSSO ESPAÇO	VISITA AO MUSEU DA VIDA	Visita ao Museu da Vida em ônibus da Fiocruz com observação do percurso (vias urbanas e locais importantes da cidade).
	CASA E CIDADE SAUDÁVEL	A partir da observação, dinâmicas e um jogo, discutir o que é uma casa saudável e seus arredores, visando construir conhecimentos e atitudes voltadas para a melhoria da qualidade de vida.
CUIDANDO DA GENTE E DA NOSSA SAÚDE	DE ONDE VEM MINHA COMIDA? DO QUINTAL À FEIRA	Conversar sobre os tipos de alimento, sobre a importância da horta urbana, da agroecologia e de sua relação com a saúde; participar de uma feirinha agroecológica.
	COMPOSTAGEM NA GARRAFA PET	Reutilizar as garrafas PET como suporte para uma composteira utilizando as sobras de alimentos descartados na cozinha para produzir adubo orgânico. Este adubo pode ser utilizado em plantio nos quintais ou em vasos de planta.
	CULINÁRIA INFANTIL COM APROVEITAMENTO TOTAL DOS ALIMENTOS	Conversa sobre os alimentos e seus benefícios para nossa saúde; cartilha de receitas e produção de um lanche alternativo.
	CORPO E MOVIMENTO	Estimular a atividade corporal e habilidades psicomotoras para as crianças conhecerem melhor sua estrutura física e ter melhor noção de espaço, propiciando descobertas.
	FAZENDO AMIZADE COM AS EMOÇÕES	Através da contação de histórias e de um jogo, estimular as crianças a identificar, nomear e expressar os próprios sentimentos.
	PEQUENOS MOSQUETEIROS CONTRA A DENGUE, ZIKA E CHIKUNGUNYA	A partir de uma cartilha desenvolvida pela Fiocruz sobre esse tema, serão desenvolvidas várias atividades.
DESCOBERTAS	TRABALHOS EM GRUPO	Trabalhos em grupo pelas crianças sobre as oficinas e avaliação do programa com elas.
MÍDIAS	FORUNZINHO: FAZENDO UM JORNAL	Experiência de fazer um jornalzinho das crianças a partir de temas que escolherem.
ENCERRAMENTO	EXPOSIÇÃO, AVALIAÇÃO	Festa de encerramento com exposição dos trabalhos das crianças, fotos, vídeos, roda de conversa com as famílias para avaliação do programa.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Resolução nº 196/96 – Conselho Nacional de Saúde

O/A Sr(a) _____ responsável pela criança

_____, autoriza a mesma a participar das atividades do projeto *Clubinho da Mata: educação não formal em saúde urbana e ambiental na Colônia Juliano Moreira* desenvolvido pela Fiocruz Mata Atlântica.

O objetivo do projeto é contribuir para promover, junto a crianças de seis a 11 anos, uma reflexão sobre valores e a participação na sociedade por meio de um maior conhecimento sobre questões socioambientais e de saúde do território.

As oficinas do Clubinho da Mata envolvem brincadeiras, arte, jogos e outras dinâmicas para trabalhar a relação entre a saúde e o cuidado com o corpo, a casa, o quintal, a cidade e o meio ambiente. Os materiais utilizados são adequados a esta faixa etária, sendo a atividade dos menores supervisionada pelos mediadores.

O projeto será realizado no campus Fiocruz Mata Atlântica localizado na antiga Colônia Juliano Moreira em Jacarepaguá, sendo a maioria das oficinas em salas de aula e no pátio interno do Pavilhão Agrícola, e algumas no Horto Escola do campus e áreas do entorno – nestes casos, o deslocamento será realizado a pé com o acompanhamento dos mediadores.

As oficinas serão realizadas por meio de uma equipe multidisciplinar composta por profissionais da Fiocruz Mata Atlântica, as quartas feiras, no horário das 14 às 16h - no contraturno escolar -, tendo a duração prevista xx/xx/xxxx a xx/xx/xxxx e a previsão de um máximo de 30 (trinta) crianças por turma.

A participação é voluntária e as crianças, assim como seus responsáveis, serão fotografadas e/ou filmadas para registro, avaliação e divulgação das atividades do projeto, sem qualquer identificação individual. A qualquer momento poderá haver desistência da participação e de seu consentimento.

O(A) senhor(a) receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e o endereço institucional para tirar dúvidas sobre o projeto e sobre a participação da criança no mesmo.

Contato: Flávia Passos Soares – Responsável pelo Núcleo de Convívio da Fiocruz Mata Atlântica
Telefone Institucional para dúvidas sobre o projeto: 2448-9018; 2448-9008; 2448-9048

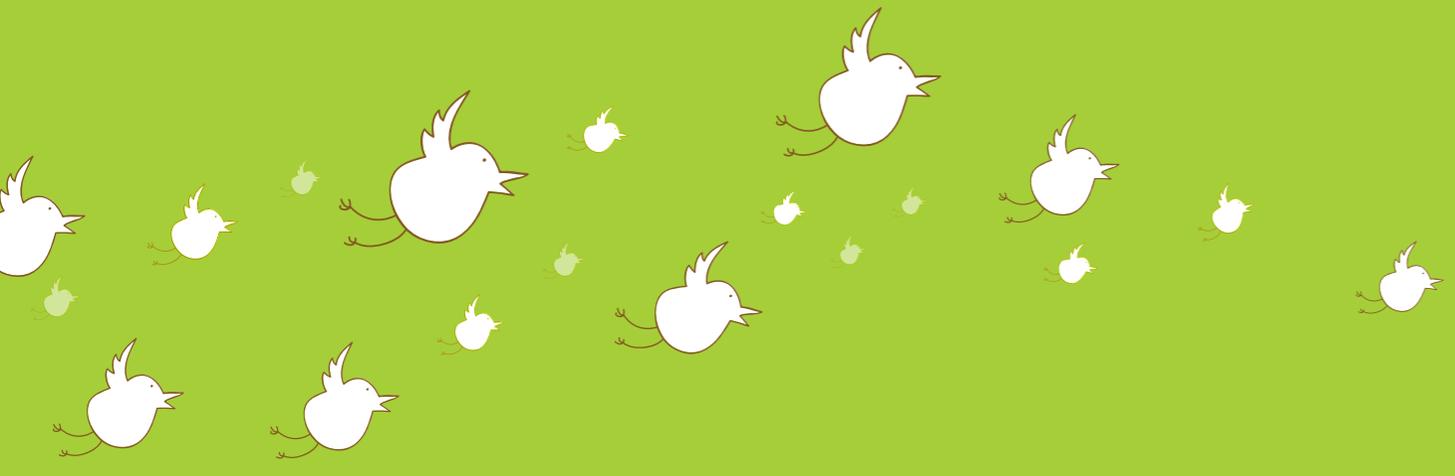
Fiocruz Mata Atlântica: Av. Sampaio Corrêa, s/n, Pav. Olympio da Fonseca, Jacarepaguá - RJ.

Declaro que estou ciente e de acordo com a participação da criança, de quem sou responsável legal, neste projeto:

Rio de Janeiro, ____ de _____ de _____

Responsável legal pela criança

Documento de identificação: _____



Em homenagem à nossa querida Ju, que iniciou toda essa linda história.

